

Vozes & Letras

ACADEMIA DE LETRAS DE INDAIATUBA



**ENTREVISTA COM NYE RIBEIRO,
MEMBRO HONORÁRIA DA ALI**

PÁGINA 34

IA NA APRENDIZAGEM

PÁGINA 36



Academia de Letras de Indaiatuba

A Academia de Letras de Indaiatuba (ALI) é uma associação civil de caráter literário e cultural, sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária, criada para valorizar, promover e difundir a literatura e a cultura, com atenção especial às produções e aos autores ligados a Indaiatuba. Ela funciona como um ponto de encontro institucional para pessoas comprometidas com a palavra — escrita, falada, pesquisada, preservada — e com a vida cultural do município.

A cultura de uma cidade é um organismo que precisa ser alimentado. A literatura nos humaniza porque nos obriga a “calçar os sapatos do outro”, a entender dores que não são nossas e a celebrar alegrias compartilhadas.

Mais do que um “clube de escritores”, a ALI é um organismo cultural: reúne acadêmicos em cadeiras, organiza comissões, estabelece ritos e rotinas (posses, sessões, registros) e cria condições para que projetos saiam do papel com continuidade. Seu papel é dar forma, constância e legitimidade a iniciativas literárias e educativas, conectando autores, leitores, escolas, bibliotecas, coletivos e instituições parceiras.

A ALI tem como missão fomentar um ambiente no qual a reflexão seja bem-vinda e o debate seja respeitoso. Queremos que este espaço cultural seja voltado a uma “conversa inteligente”, como se estivéssemos em uma sala de estar, discutindo a última leitura ou o próximo projeto literário.

Na prática, a Academia atua como uma plataforma de produção e circulação cultural: incentiva publicações, debates, eventos, ações formativas e iniciativas públicas de valorização da leitura. Ao mesmo tempo, oferece um “centro de gravidade” para a cena literária local — um lugar onde ideias não dependem apenas de entusiasmo momentâneo, mas podem tornar-se agenda, programa e legado.



ACADEMIA DE LETRAS DE
INDAIATUBA

Diretoria 2025 - 2027**Presidente:** José Henrique Martins**Vice-Presidente:** Jacimara Martins Siqueira de Miranda**1ª Secretária:** Analma Queiroz Moura**2ª Secretária:** Adriana Silva Barbosa**1º Tesoureiro:** Marcelo Castro Bomfim**2º Tesoureiro:** Maria José Amgarten Rodolfo Gonella**Conselho Fiscal**

Sueli de Sá Giovani

Darcio Calligaris

Cintia Henriques

Revista Vozes & Letras**Comissão Editorial**

Rubens Pantano Filho (coordenador)

Analma Queiroz Moura

Fernanda Misumi

Jacimara Martins Siqueira de Miranda

Marcelo Castro Bonfim

Mariane Gomes Sievert Naschenweng

Revisão

Fernanda Misumi

Rubens Pantano Filho

Imagem da Capa

Deensel . El Ateneo Grand Splendid, Buenos Aires. 2017.

Disponível em:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4b/El_Ateneo_Grand_Splendid,_Buenos_Aires_\(38984631534\).jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4b/El_Ateneo_Grand_Splendid,_Buenos_Aires_(38984631534).jpg)**Produção Editorial e Projeto Gráfico**

Rodrigo Angelotti dos Santos

rodrigo.angelotti@hotmail.com

Academia de Letras de Indaiatuba

Biblioteca Municipal Antônio Modanesi

Rua das Primavera, nº 450, Vila Bérnago

CEP: 13345-115

Tel.: (19) 3834-6319

Indaiatuba-SP

Contato e mídias

comissaoeditorialdaali@gmail.com

<https://www.ali.org.br/><https://www.instagram.com/letrasdeindaia/><https://www.youtube.com/@letrasdeindaia>academiadeletrasdeindaia@gmail.com

As colaborações são solicitadas.

Os artigos refletem exclusivamente às opiniões dos autores, sendo eles também responsáveis pela exatidão das citações e referências bibliográficas de seus textos

02

Editorial

03

Palavras do Presidente

04

Seria cômico, engraçado, se não tivesse acontecido

05

Lembranças

06

Mulheres, a quarta série e o sorveteiro

08

O tempo das canções

09

Entre corredores e sonhos

10

Quantas pessoas cabem em que somos

11

Amizades...

12

Espero

13

Os bebês, a criança bem pequena e os brinquedos não estruturados

14

Entre telas e páginas: Ler em tempos digitais

16

O Professor que não podia errar

17

Indaiatuba no início do Século XX

18

A república e a educação primária popular no Brasil (parte1)

19

Veritas Rationalis

20

Humanismo e linguagem: palavra como fundamento da civilização

22

Consciência intelectual e a vocação do ser

24

Reconexão

26

Uma história bem atual

27

Poesias

29

A primeira porta

30

Impressões sobre a poesia quintana: a experiência do tempo

33

A Garota que conversava com a própria tristeza

34

Entrevista: Nye Ribeiro

36

IA na aprendizagem

38

Homenagem ao brasileiro Alfredo Le Pera, o Poeta de Gardel

39

Clube de Leitura da ALI

40

Acadêmico da ALI é premiado 11º Salão de Artes Visuais

41

Acadêmicos

EDITORIAL

É com enorme entusiasmo que a Academia de Letras de Indaiatuba apresenta o primeiro número da revista **Vozes & Letras**. Esta publicação nasce não apenas como um registro documental, mas como um espaço vivo de diálogo entre a tradição e a contemporaneidade, entre a memória histórica de nossa “Terra dos Indaiás” e as inquietações que moldam o futuro das próximas gerações.

Nestas páginas, o leitor encontrará um mosaico de perspectivas que reafirmam a escrita como ferramenta de cidadania e autodescoberta. Iniciamos nossa jornada resgatando a Indaiatuba do início do século XX, antevista como uma cidade progressista, e percorremos os trilhos da nossa história política e educacional. Da precariedade das primeiras escolas públicas paulistas à consolidação da educação como dever do Estado, compreendemos que o saber é a base para transformar “súditos em cidadãos”. Esse olhar histórico se cruza com memórias políticas e crônicas do cotidiano, como o relato pitoresco sobre a introdução das gravações nas sessões da Câmara Municipal, demonstrando como a palavra registrada trouxe novos contornos à ética e à linguagem pública.

A revista explora a profundidade do ser sob diversas óticas. Refletimos sobre o papel do mestre – este ser humano passível de falhas que busca no erro o seu amadurecimento – e sobre a literatura como a “primeira porta” que apresenta o mundo à criança, oferecendo-lhe a pausa necessária para que o pensamento floresça. Neste contexto, temos a honra de trazer uma entrevista exclusiva com a acadêmica honorária Nye Ribeiro, cuja trajetória dedicada à literatura infantil nos recorda que a leitura é a nossa “fiel morada” e o caminho para a curiosidade pelo outro.

Atenta aos desafios atuais, esta edição traz em destaque uma reflexão necessária sobre o uso da Inteligência Artificial na educação básica. Defendemos que, embora a tecnologia seja uma ferramenta de atualização, nada substitui a mediação humanizada do professor, essencial para que a máquina seja um suporte ao letramento digital e não um obstáculo ao raciocínio crítico.

Em tempos de pressa digital e “moralidade líquida”, nossos autores defendem o resgate da razão, da consciência intelectual e da verdade racional como âncoras para a autonomia moral. A revista também se debruça sobre a filosofia e a natureza do conhecimento; nossos acadêmicos nos convidam a abraçar a dúvida como motor do pensamento e a buscar a realidade para além das aparências. Essa busca pela essência ecoa nas reflexões sobre a educação, nas quais a escola deixa de ser apenas um prédio para se tornar o lugar onde se aprende a “ser” e a confiar na própria voz.

O humanismo e a linguagem surgem aqui como o abrigo da civilização, construindo pontes duradouras entre as gerações. Essas conexões manifestam-se de forma íntima: seja na amizade com personagens de livros que nos atravessam, na complexidade dos laços reais que testam nossa capacidade de perdão diante da perda e da doença, ou na música, que atua como um marcador de memória, oferecendo companhia e abrigo nos tempos densos do agora.

As memórias afetivas trazem o equilíbrio necessário a esta edição. Das viagens de infância à casa dos avós em Minas Gerais aos amores inocentes da quarta série curados com sorvete, somos lembrados de que as vivências simples são nossos maiores tesouros. Contudo, a revista não se furta de olhar para as sombras. Através de metáforas poderosas como a do “dique” que rui por falta de autocuidado ou da história de Elara e sua conversa silenciosa com a própria tristeza, somos convidados a confrontar nossas feridas invisíveis e a necessidade de nos reconectarmos com nossa essência espiritual e emocional.

Frente ao ritmo frenético da era digital, **Vozes & Letras** propõe pausas necessárias. Discutimos a importância de resgatar o lúdico através de “brinquedos não estruturados” para as crianças, e defendemos a leitura profunda como um gesto de resistência que organiza emoções em um mundo que não silencia. A experiência do tempo é aqui revisitada sob a ótica poética de Mario Quintana, lembrando-nos que a vida, embora curta no dizer comum, ganha profundidade na contemplação.

A alma desta edição reside, por fim, na poesia e na resiliência. Entre o “quaradouro” onde evaporamos dores para nos tornarmos seres mais claros e os versos que narram a busca pela “minha metade” em nós mesmos, cada texto é um convite à sensibilidade. Mesmo diante do invisível que espera uma oportunidade de “voltar a ser gente”, a palavra permanece viva como um espaço de sentido. Dos haicais que pregam a adaptação e o sorriso diante dos golpes da vida às estrofes que narram a busca por amores tranquilos e as histórias silenciosas que moldam nossos mundos particulares, cada verso é um convite à sensibilidade.

Que esta leitura seja, acima de tudo, um encontro. Um encontro entre as letras que aqui depositamos e a voz que desperta em cada leitor ao virar estas páginas.

Boas leituras!

Rubens Pantano Filho
Cadeira n.º 31 – Patrono: Mario Quintana
Coordenador da Comissão Editorial

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Queridos leitores,

Há publicações que nascem como projeto. Outras nascem como necessidade. A revista Vozes e Letras nasce, nesta primeira edição, como um gesto de identidade, pertencimento e profundo compromisso com a palavra.

Hoje, a Academia de Letras de Indaiatuba dá um passo significativo em sua trajetória cultural. Ao inaugurar sua revista oficial, não estamos apenas lançando uma publicação: estamos abrindo um território simbólico onde a produção literária, cultural e intelectual de nossos membros encontra abrigo, visibilidade e permanência. Esta edição inicial, dedicada exclusivamente aos acadêmicos, representa um marco histórico e afetivo, pois reúne vozes que, há anos, constroem a vida cultural de nossa cidade com sensibilidade, reflexão e criação.

Mais do que uma coletânea de textos, esta revista é um retrato plural da nossa Academia. Nela convivem estilos, pensamentos, memórias, ensaios, crônicas e poesias que revelam a riqueza e a diversidade literária da ALI, reafirmando que a literatura é, acima de tudo, um diálogo permanente entre tempos, experiências e olhares sobre o mundo.

Vivemos uma era de rapidez e dispersão, em que a palavra, muitas vezes, se perde na velocidade das telas. Publicar uma revista literária digital, gratuita e institucional, neste contexto, é também um ato de resistência cultural. É afirmar que a escrita permanece essencial, que a reflexão continua necessária e que a cultura deve ser registrada, valorizada e preservada.

A seção em destaque, voltada a temas relevantes para a cultura e a literatura, reforça o papel da revista como instrumento de difusão intelectual e valorização do pensamento contemporâneo. Ao mesmo tempo, os demais textos aqui reunidos evidenciam a força criativa e o compromisso literário dos acadêmicos que compõem esta respeitável instituição.

Esta primeira edição simboliza, ainda, a consolidação de um projeto maior: tornar Vozes e Letras um veículo permanente de expressão cultural, com perspectivas de crescimento, ampliação de horizontes e fortalecimento do diálogo entre a Academia e a sociedade.

Registro, com sincera gratidão, meu reconhecimento aos autores participantes, que confiaram suas palavras a esta publicação; à Comissão Editorial, pelo trabalho criterioso, sensível e dedicado; e a todos que acreditam na literatura como instrumento de transformação, memória e humanização.

Desejo, de coração, que esta revista seja mais do que um espaço de leitura.

Que seja, sobretudo, um espaço de encontro.

Encontro entre escritores e leitores, entre tradição e contemporaneidade, entre a cidade e sua produção intelectual.

Assim nasce a primeira edição da revista Vozes e Letras: como voz coletiva, como registro cultural e como testemunho vivo da literatura produzida no seio da Academia de Letras de Indaiatuba.

Muito obrigado e boa leitura.

J.H. Martins
Cadeira n.º 01 – Patrono: Machado de Assis
Presidente da ALI

SERIA CÔMICO, ENGRAÇADO, SE NÃO TIVESSE ACONTECIDO

JOSÉ PIRES DA CUNHA

**Cadeira n.º 29 – Patrono: João Tibiriçá de Piratininga
Montezuma de Piratininga, nas terras dos Indaiás**

Fui Vereador aos 26 anos. Idealista, queria deixar o mundo um pouco melhor depois de minha efêmera passagem por aqui. Presidi a Câmara Municipal aos 28 anos, em 1970.

Um fato: Os Vereadores, ao usarem a palavra, traziam loas ou críticas severas e, muitas vezes, inadequadas aos mesmos fatos.

Na sessão seguinte, quando o Vereador Secretário procedia leitura da Ata da Sessão anterior, era só: “— Não foi isso que eu disse...”

Tive então uma ideia: proceder a gravação das sessões para que a ata fosse elaborada com precisão. Orientado pela assessoria jurídica, procederam-se as providências para a compra de um gravador. A escolha recaiu em um aparelho Akai, com a imponência de um projetor de cinema. Isso demandou tempo.

É aí que começa a estória: Um Capitão, que aportara nas terras dos Indaiás, casado com a prima de um dos “próceres” políticos, que nunca se submetera ao crivo do voto popular, fez ao Presidente uma proposta: “tenho um e empresto à Câmara...” Com a concordância, veio então um aparelho usado e meia-boca, mas que se mostrou suficiente para o intento.

Feitas as atas em face às gravações, os excelentíssimos mais esclarecidos passaram a moderar a linguagem, usando-a de forma mais adequada à representação de seus eleitores.

Passado o tempo próprio, chegou o gravador, soberbo, atual e caro.



Fonte: Sameer Verma. **Reel-to-reel recorders and magnetic tape**. 2015.
Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Akai_GX-635D_tape_recorder_\(16679601897\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Akai_GX-635D_tape_recorder_(16679601897).jpg)

Um dia, ao fim da Sessão, ao descer as escadas da Câmara, acerrou-se o Capitão, que me disse: “— Presidente, fica com meu gravador para a Câmara e me dá este que chegou”. Na cara dura.

Disse-lhe em resposta: “— Capitão, o senhor está brincando!”. Foi respondido: “— Não, é sério!”. Completei: “— Vou considerar como uma brincadeira, pois, ao contrário, terei que chamar o policial militar presente à Sessão, que vela pela segurança, para prendê-lo em flagrante”.

Fim da estória. Quase!

O Capitão tinha sido da Marinha Mercante e um incêndio no navio lhe deixara sequelas mentais graves. Fora aposentado com o soldo de Capitão.

Passado um tempo, como aparecera, desapareceu da Terra dos Indaiás. Me disseram que fez o curso de Psicologia e que estava exercendo a nova atividade em outra paragem. Não sei o fim que levou.

LEMBRANÇAS

LEE OLIVEIRA

Cadeira n.º 13 – Patrono: Ariano Suassuna

Das lembranças que ela tem, as mais incríveis são as viagens de férias que fazia com a irmã, o irmão e a mãe para a casa dos avós em Minas Gerais.

Pouco se recorda de como chegava à Rodoviária do Tietê, nem de se despedir de seu pai. Mas se lembra que a viagem era permeada de sono e estômago revirando que, por vezes, se transformavam em desperdício de biscoitos de polvilho e maçãs que a mãe lhes dava durante a viagem e uma sensação de vergonha e boca amarga...

Uma vez, a mãe dormiu e passou direto para a rodoviária da cidade vizinha, ponto final do trajeto. A mãe ficou triste, mas para ela e os irmãos era mais um pedaço da aventura.



O sítio do avô era um tipo de paraíso. Tinha tios pouco mais velhos que ela, e eles se encarregavam de mantê-los ocupados e protegidos. Aprendeu de um tudo naquele lugar, desde detectar se a chuva vinha, perto ou longe, pelo cheiro de terra molhada, especialidade do avô, até ver como um engenho de cana funcionava para fazer rapadura. Todo processo, o caldo de cana, o melaço, o “puxe” e finalmente a rapadura.

Fonte: Erick.noletto. **Pássaros em porteira na Fazenda em Leopoldo de Bulhões**. 2029.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pássaros_na_Fazenda_em_Leopoldo_de_Bulhões_-_GO_-_Brazil.jpg

Havia pescaria nos tanques (açudes), andar de bicicleta, charrete, cavalo... E nestes períodos ela aprende o mais bonito, e que só veio a entender bem mais tarde...

A união da casa onde a mãe foi criada é fundamental para entender os valores que ela e sua família carregam. Os valores que eles carregam, como a humildade e a forja de caráter na dificuldade, não tornaram ninguém fraco ou inferior a qualquer outra pessoa.

Ali, naquele terreiro, onde tinha um jardim em que o umbigo dos três foi enterrado, nasceram as mais belas lembranças e as mais belas lições.

Hoje, ela olha para trás e sente orgulho de tudo e de todos. E sabe que ali, naquele lugar sem luxo, sem riqueza e sem diplomas, foi o universo mais precioso e o maior tesouro que a vida lhe deu: a família. Nos dias em que tudo parece desabar, ela vai para o sítio, em suas lembranças, reforça aquele amor, e a vida se fortalece para que ela siga em frente...

MULHERES, A QUARTA SÉRIE E O SORVETEIRO

TOM MEIRELES

Cadeira n.º 22 – Patrono: Paulo Freire

A única vez em que briguei na escola foi por amor.

Um grande amigo havia se interessado pela menina que eu já considerava, em silêncio e sem consulta prévia, minha futura esposa e mãe dos meus filhos. Era assim que eu pensava na época.

Mulheres! Elas são a perdição e a salvação do homem. Mesmo na quarta série.

Eu a venerava. Não no sentido religioso, embora fosse quase isso. Via nela qualquer coisa de aparição: passava no corredor e o mundo, até então composto de cadernos, lancheiras e uma vaga preocupação com prova de ciências, ganhava um centro gravitacional novo. Eu sonhava em andar de mãos dadas com ela na saída da escola, num gesto que, para os padrões da quarta série, equivalia a um noivado em praça pública.

Mas a verdade é que ela não dava bola para ninguém. Era uma dessas criaturas que parecem ter nascido num estágio superior de evolução afetiva. Enquanto nós, os meninos, vivíamos em estado de calamidade emocional, ela pairava acima de todos, imune a elogios tortos e demonstrações heróicas de boas notas, que me forçava tanto a conseguir acreditando que elas pudessem me tornar interessante. É comovente a fé que uma criança deposita no boletim.

Quando soube que meu amigo também estava interessado nela, senti o peso da traição. Amigos podem dividir lanche, time, revista em quadrinhos e castigo. Mas não podem mirar na mesma futura esposa sem que o tecido social sofra algum dano. Brigamos, tomamos satisfação um do outro, e passamos a nos ignorar com toda a solenidade de pequenos imperadores magoados.

Ela permanecia indiferente aos dois, como certas repartições públicas e todos os gatos.

Foram duas semanas duríssimas. Ia à escola com a dignidade de quem sofreu uma grande perda, embora ainda não soubesse exatamente o que havia perdido. O amor infantil tem dessas vantagens narrativas: sofre-se muito com base em patrimônio inexistente.



A reconciliação aconteceu como quase todas as grandes pacificações da história: por interesse superior. Esbarramo-nos no lugar onde os meninos iam jogar videogame, esse território neutro onde desapareciam temporariamente as ideologias, os ressentimentos e até algumas noções de higiene. Bastou uma partida cooperativa e a amizade foi restabelecida. A masculinidade infantil é pragmática. Brigamos por uma mulher e fazemos as pazes diante de uma tela piscando. Em muitos casos, a civilização adulta continua funcionando assim, só que com gravatas.

Fonte: Ehécatl Cabrera. **Niño come una bola de helado**. 2023. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bola_de_helado.jpg.

Enquanto isso, ela, a primeira mulher a partir meu coração, mudou-se para outro bairro e nunca mais a vimos. Naquela idade, mudar-se de bairro era praticamente emigrar. Não havia rede social nem mensagem instantânea. Havia o sumiço. A pessoa desaparecia da sua vida e pronto.

Restava, então, lidar com a dor de maneira clássica. Embriagar-se!

Como eu estava na quarta série, o método disponível foi o sorvete.

No fim, como quase tudo na vida, passou. Consegui esquecê-la completamente no dia em que ganhei o último modelo do boneco do Super-Homem. Era de borracha, o que talvez rebaixe um pouco a glória do brinquedo, mas naquela época me pareceu o ápice da engenharia mundial. A verdade é que a recuperação não permanece por muito, pois a vida, pedagógica como poucas, logo tratou de me apresentar à segunda mulher que me partiria o pobre coração e consolidaria minha ficha na sorveteria.

O ser humano é, no fundo, um sujeito de pouco discernimento e muito apetite.

MARKETING ESPECIALIZADO PARA ESCRITORES

Potencialize suas vendas e impulsione sua carreira literária com nossa assessoria especializada.

- ✓ Divulgação de livros através de resenhas em vídeo nas redes sociais;
- ✓ Lives com autores;
- ✓ Matérias no Jornal Cultural Rol;
- ✓ Diagramação de Livro;



o.que.li

CONFANS
ASSESSORIA ADMINISTRATIVA

confians.assessoria@gmail.com

confians.assessoria

O TEMPO DAS CANÇÕES

DJALMA FARIA NETO
Acadêmico Correspondente

A banda irlandesa U2 estava há quase nove anos sem lançar um álbum de inéditas. Tempo suficiente para que a vida aconteça em camadas.

Nesse intervalo, vivi alegrias importantes, atravessei tristezas silenciosas, perdi meu pai, vi pessoas chegarem trazendo novos sentidos e outras partirem deixando aquilo que permanece depois da ausência: memória, aprendizado e uma saudade que não faz barulho.

A vida seguiu, como sempre segue. Imperfeita, inesperada e muitas vezes difícil de compreender enquanto está acontecendo.

Talvez por isso a música tenha um papel tão particular. Ela não interrompe a dor, mas oferece companhia. Não altera os fatos, mas muda a forma como atravessamos por eles.

Há algo de curioso no modo como as canções se misturam ao tempo. Certas músicas não pertencem apenas aos artistas que as compuseram. Elas passam a pertencer também às nossas lembranças, aos lugares onde as ouvimos pela primeira vez, às pessoas que estavam por perto naquele momento.



Fonte: Petr (Happy24). **U2 performing at Mercedes-Benz Arena in Berlin, Germany.** 2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:U2_on_main_stage_Experience_and_Innocence_Tour_in_Berlin_8-31-18.jpg

Com o passar dos anos, algumas músicas deixam de ser apenas música. Tornam-se uma espécie de marcador de memória. Basta ouvi-las novamente e, de repente, somos transportados para uma versão anterior de nós mesmos.

Como canta Nando Reis na canção Rock and Roll, no fim das contas a gente ainda tem o rock and roll. E essa constatação simples carrega um conforto inesperado.

As músicas desse novo momento do U2 parecem conscientes do mundo que habitamos hoje: tempos densos, confusos e emocionalmente instáveis. Ainda assim, lembram que a arte continua sendo um lugar de abrigo, de encontro e, sobretudo, de continuidade.

Entre perdas e recomeços, entre o peso do tempo e a leveza de uma canção que chega no momento certo, fica sempre a sensação de reencontro.

Porque, mais do que novidade, às vezes a música é presença.

E talvez seja justamente por isso que, apesar de tudo, a gente ainda tenha o nosso rock and roll.

E isso, no fim das contas, já é muita coisa.

ENTRE CORREDORES E SONHOS

FERNANDO MOTA DIAS

Cadeira n.º 23 - Patrono: Dias Gomes

Meu nome é Lucas, e eu não sabia que a escola podia mudar uma vida – até perceber que estava mudando a minha.

No começo, a escola era só um prédio grande, com corredores longos e um sinal barulhento que marcava o tempo como se fosse dono dele. Eu entrava tímido, mochila maior que minhas certezas, acreditando que aprender era apenas copiar do quadro e decorar respostas. Sentava sempre nas últimas carteiras, como quem tenta se esconder do mundo.

Mas foi ali, entre cadernos amassados e lápis apontados às pressas, que algo começou a acontecer.

Lembro-me da primeira vez que a professora pediu que explicássemos o “porquê” de uma resposta, e não apenas o resultado. Aquilo me assustou. Eu sabia repetir, mas não sabia pensar em voz alta. Naquele dia, minhas mãos suaram, o coração acelerou, e mesmo assim eu levantei o braço. Minha explicação saiu trêmula, incompleta. Esperei a correção. Em vez disso, recebi um sorriso e um “continue”. Foi a primeira vez que senti que errar não era fracassar – era começar.

Com o tempo, percebi que a escola não ensinava apenas conteúdos; ensinava coragem. Coragem para ler em público, para apresentar um trabalho, para discordar com respeito. Em cada atividade em grupo, eu aprendia que ouvir é tão importante quanto falar. Descobri que cada colega carregava uma história diferente da minha – e que isso tornava tudo mais interessante.

Houve dias difíceis. Provas que pareciam impossíveis, notas que não refletiam meu esforço, comparações silenciosas que pesavam mais do que a mochila. Pensei em desistir de tentar ser melhor. Mas, curiosamente, eram nesses dias que alguém aparecia: um professor que dizia “você consegue”, um amigo que estudava comigo depois da aula, uma coordenadora que perguntava se estava tudo bem. Aos poucos, entendi que a escola também é feita de gente que acredita na gente.

Foi numa feira de ciências que senti a transformação com clareza. Eu, que antes evitava falar, estava explicando nosso projeto para pais e visitantes. Minhas palavras saíam firmes, meu olhar não fugia. Não era apenas sobre o experimento; era sobre mim. Sobre o menino que aprendera a confiar na própria voz. A escola me ensinou matemática, português, história. Mas, sobretudo, ensinou-me sobre persistência. Aprendi que conhecimento não é um ponto de chegada, e sim um caminho. Que cada erro pode ser uma ponte. Que cada dúvida é um convite.

Hoje, quando caminho pelos mesmos corredores que um dia me intimidaram, percebo que cresci junto com eles. A mochila já não pesa tanto – talvez porque agora eu carregue mais sonhos do que medos. Entendi que a transformação não aconteceu de uma vez; foi silenciosa, construída em pequenos gestos, em cada página virada, em cada tentativa.



Fonte: Escola Estadual Antonio Vicente Azambuja. **Feira de Ciências**. 2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AVA_Feira_de_Ci%C3%A7ncias_01.jpg

Se alguém me perguntar o que é a escola, eu não direi que é apenas um lugar de provas e deveres. Direi que é um espaço onde aprendemos a ser. Onde um menino descobre que pode ir além do que imaginava. Onde, sem perceber, começamos a escrever a nossa própria história – com coragem, esperança e vontade de continuar aprendendo.

QUANTAS PESSOAS CABEM EM QUEM SOMOS

FLÁVIA GIRARDI

Cadeira n.º 24 – Patrono: Érico Veríssimo



Fonte: Piuza. **Denise Ivone está na foto a demonstrar o amor que tem pela leitura e pelos livros.** 2024. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Denise_Ivone_Books.jpg

Eu tenho amigos que não sabem que são meus amigos. Alguns nem de fato existem: são personagens de livros que já li, de séries ou filmes que assisti. Outros existem, mas não sabem que eu existo. Outros eu até conheço, mas nunca nos aprofundamos em nenhum assunto. Há ainda os que já partiram deste mundo, mas seguem comigo firmes e fortes.

Outro dia, expliquei para o Piaget o quanto ele esclareceu minhas emoções pela sua teoria da assimilação e acomodação. Talvez, se tivéssemos nos “conhecido e conversado” antes, eu nem teria tido crises de consciência (e ansiedade) aos 28 anos, quando achei que minhas antigas ideias não me refletiam e me vi sem rumo, sem saber bem quem eu era (diante de tantas mudanças que se abriam como uma enxurrada em minha vida).

Era a equilibração, que me mostrou que eu estava em um lugar-comum, que não me cabia mais.

E as incontáveis vezes que me admirei, concordei, me identifiquei, cansei e até briguei com o Rubem Alves? Ele se foi sem sequer imaginar que “fomos amigos e nos desentendemos algumas vezes”, (e olha que nos encontramos pessoalmente por duas vezes!), mas “aquela nossa conversa” sobre meu plano de escrevermos juntos um livro que se chamaria “Duas janelas para o mundo”, em que faríamos um combinado de opiniões sobre as coisas – as minhas e as dele – ele sequer soube... E isso quando eu tinha vinte e poucos anos. Imagina a petulância!

Ficamos um tempo “afastados”, não sei se porque enjoiei dos textos dele ou de mim mesma, até que ele me reconquistou quando disse admirar o voo dos urubus. E eu, que achava que era o único ser no mundo a contemplá-los, com as asas abertas, rasgando o céu – tão alto – na maior tranquilidade! Tive que me render e reatar, com lealdade, nossa amizade.

Teve também a Olívia do “Olhai os Lírios do Campo”, do meu patrono na Academia de Letras de Indaiatuba, Érico Veríssimo. Sua visão de mundo compôs algumas partes do meu. Ah, e tem tantos outros... Tenho conversas imaginárias até com amigos de verdade, lembrando a mim mesma que preciso falar sobre isso quando nos encontrarmos!

Uma frase, um olhar, um silêncio, uma pausa... quando vêm de alguém que emociona ou desperta minha admiração – já são o começo de uma amizade. Algumas se concretizam. Outras permanecem assim, suspensas no pensamento. Mas todas, sem exceção, deixam marcas. São vínculos invisíveis, feitos de palavras, ideias e afetos, que me acompanham.

No fim das contas, talvez amizade seja isso: aquilo que nos atravessa, mesmo sem saber nosso nome, e nos ajuda a ser quem somos, mesmo que jamais saibam disso.

AMIZADES...

ANALMA QUEIROZ MOURA

Cadeira n.º 03 – Patrona: Carolina Maria de Jesus

Nos últimos dias tenho pensado muito sobre as amizades.

Em que momento nos distanciamos dos nossos amigos e nos perdemos no tempo e no espaço? Por onde anda aquela amiga com quem não conseguíamos passar um dia sem conversar? Em tempos de redes sociais, quantos dos nossos seguidores são, de fato, amigos? Quantos realmente conhecemos e que realmente nos conhecem?

Recentemente me deparei com um post de alguém que amo anunciando sua luta contra um câncer. Isso despertou muitos gatilhos. Não é do meu feitio escrever sobre tristeza, mas há quase três anos perdi uma pessoa muito querida para essa mesma doença. Um luto que ainda carrego, de muitas formas.

Alguns dizem que fiz o meu melhor, estive ao lado, apoiei, chamei outros para apoiar. Mas o que pesa em mim não é o que fiz durante a luta dela, e sim tudo o que deixamos de viver ao longo de mais de vinte anos de amizade. Nunca duvidamos do amor que sentíamos uma pela outra. Ela levou para o túmulo segredos que eu contaria ao mundo inteiro se isso me desse mais um dia ao lado dela. Não perdi apenas uma amiga: perdi quem me compreendia num olhar.

Agora, novamente, me deparo com um câncer ameaçando a vida de outra amiga. Com essa, talvez o tempo tenha apagado o reconhecimento no olhar. Seguimos caminhos diferentes, cada uma com sua história. O carinho permanece, apesar da distância e do abismo de mundos que se abriu entre nós. Talvez a diferença entre essas amizades seja o momento: essa nasceu na idade dos sonhos possíveis. Vivemos histórias lindas que ajudaram a nos tornar quem somos hoje.

Nesse exercício de lembrar das amizades, voltei à infância. A mente, vilã, resgata fatos e pessoas sem nome ou rosto. Lembro das brincadeiras, da quantidade de amigas, mas não exatamente de quem eram. Houve também aquelas “amizades” impostas, vizinhos, parentes, laços familiares — que nunca chegaram a ser escolha.



Fonte: Douglas Iuri Medeiros Cabral. **Amizade**. 2013.
Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amizade_\(10313524163\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amizade_(10313524163).jpg)

E então veio a primeira amizade verdadeira: aquela escolhida por afinidade. Curioso como dela nunca esqueci o nome. Há mais de quarenta anos seguimos “amigas”. Não participamos do cotidiano uma da outra, mas quando nos encontramos na cidade onde nasci, é festa. Atualizamos o tempo, aproveitamos o momento e seguimos nossas vidas. É isso que guardamos: os encontros e o afeto.

Apreendi também que muitas amizades duram o tempo que precisam durar. São como paixões: começam tímidas, se intensificam, chegam ao ápice. Algumas se transformam em amor e permanecem; outras não resistem às intempéries do tempo e se dissolvem.

Há também as amizades que nos traem — e essa dor é profunda. Vivi uma assim. No momento em que mais precisei, ela virou as costas. Hoje, passados vinte anos, até consigo perdoar. Tento compreender: foi medo, incapacidade de lidar. Mas a dor foi imensa, ainda maior porque eu havia perdido minha filha.

Engravidamos juntas, esperávamos meninas, compartilhávamos sonhos e ansiedades. No sétimo mês, tive complicações: minha filha nasceu prematura e faleceu 42 dias depois. Eu mesma quase não sobrevivi. Minha amiga nunca me visitou, nunca ligou, nunca me chamou. Um dia, ao me ver na rua, entrou em casa para não me encontrar — como se dissesse que não queria falar comigo, nem que eu visse sua filha. Anos depois, voltamos a nos falar quando tive meu filho. E, ironia cruel da vida, algum tempo depois ela também perdeu um filho.

Mas deixemos de lado o que machuca. Prefiro olhar para as amizades que caminharam comigo: as do trabalho, algumas com mais de vinte anos; as da faculdade, um grupo que sigo amando. Sabemos que basta uma ligação para estarmos juntas, apoiando, comemorando vitórias e sustentando umas às outras nos dias difíceis.

Existem ainda aquelas amizades que nunca chegam à profundidade de serem laços definitivos, mas nos acompanham: churrascos, bares, festas. E tudo bem. São como namoros que nunca viram casamento. Sabemos que podem se perder no tempo — mas, enquanto existem, são bons encontros.

ESPERO

DIANA SCARPINE

Cadeira n.º 04 – Patrona: Maria Firmina dos Reis

Um homem passa apressado, sacudindo a mala. Outro caminha com a cara enfiada no celular. Uma mulher sai da loja, carregando várias sacolas, os saltos riscando o asfalto. Numa lanchonete, um grupo de adolescentes toma milkshake enquanto tagarela.

Um senhor dá sinal. O ônibus lotado para no ponto, mal espera que os passageiros entrem e parte desabalado. Os carros correm. Um deles desencadeia um buzinaço quando alguém atravessa a avenida. Há cinco veículos na fila do estacionamento do bar. Quem não está apressado para ir para casa apressa-se para o happy hour.

Uma menina de uns quatro anos caminha com a mãe. Ela me vê. A mãe percebe, faz cara de medo e apressa o passo, arrastando a menina pela mão.

Com as roupas rasgadas, o rosto sujo, o estômago roncando e o velho cobertor sobre os ombros, sou invisível, parte do banco de concreto em que me sento. Confundo-me com o lixo do contêiner ao lado.

Mas espero. Busco.

Uma oportunidade.

De voltar a ser gente.



Fonte: Francisco Magallon. **Pobreza y trabajo infantil Dacca, Bangladesh**. 2014. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bangladesh_Dacca_IMG_3253_Francisco_Magallon_Visita_proyectos_ong_EDUCO.jpg.

OS BEBÊS, A CRIANÇA BEM PEQUENA E OS BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS

JACIMARA MIRANDA

Cadeira n.º 2 – Patrona: Cora Coralina

Minha vida de professora, lá no final da década de noventa, era guardar sucata. Meu armário vivia cheio de rolos de papel higiênico, tampinhas de garrafa, garrafas plásticas e outras coisas mais que compunham o universo da sala de aula da Educação Infantil.

Mais de trinta e cinco anos depois me pego guardando sucata de novo. Por conta da minha netinha, me pego pesquisando sobre o assunto e surpreendo-me: com novo nome, as sucatas viraram os brinquedos não estruturados. Todos aqueles objetos que vão desde as sementes e folhas coletadas em um passeio em meio à natureza, até caixas, potes e tampas. Utensílios domésticos também, que agora ganham nova utilidade.

Tudo vira aprendizado e brincadeira para os bebês e crianças bem pequenas!

Na busca por alternativas educativas que tirem a criança bem pequena das telas e das tecnologias digitais, os brinquedos não estruturados tentam resgatar o lúdico e o faz-de-conta. “Faz-de-conta que esta caixa de papelão é um navio que irá navegar oceanos profundos!”

Mas quem é esta criança que ainda tão pequenina tem ou teria contato com as telas? Segundo Serres (2013), um filósofo francês inquieto com estas questões atuais e seus impactos, esta nova era em que vivemos faz com que as crianças habitem o virtual, com pouquíssimo tempo de concentração e com capacidade de manipular várias informações ao mesmo tempo. Seremos seus antepassados. Aqueles que conheceram a internet discada, o telefone com fio, as enciclopédias, o quadro de giz.

Esta geração (nossos netos) e a anterior (nossos filhos) “por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo saber: circulam então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias.” (Serre, 2013, p. 19).

Com certeza por nossa própria culpa, que em meio à correria do dia a dia entregamos o celular como se fosse babá. Então, este movimento a favor dos brinquedos não estruturados, mais que uma moda ou um resgate, é uma tentativa de infância, de contato, de presença!

Aliando os seis direitos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular — brincar, expressar-se, conhecer-se, participar, explorar e conviver; que assegura um aprendizado significativo para esta faixa etária de creche, os brinquedos não estruturados me parecem ser a alternativa mais criativa, mais democrática e mais econômica para construir conhecimento.



Fonte: PMPA. **Escolas municipais promovem ações pelo Dia da Criança e chegada da primavera.** 2017. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:IBPA_8704_-_Escolas_municipais_promovem_ações_pelo_Dia_da_Criança_-_2017-10-10_-_Divulgação-PMPA.jpg

Mais criativa pois as próprias crianças bem pequenas podem construir seus brinquedos, quer seja ajudando o adulto a amarrar fitas coloridas em uma argola, criando uma colorida pipa de vento; quer seja pintando rolos de papel higiênico que depois se transformarão em binóculos.

Mais democrática e econômica, pois a confecção envolve materiais reutilizáveis, tais como rolos de papel higiênico, papel toalha, tampinhas de garrafa, retalhos de tecido, tampas de panelas, espátulas, garrafas plásticas, entre outros, bem como materiais da natureza, como folhas, flores e pequenos pedaços de madeira.

Nas escolas estes brinquedos são presença constante, desde o berçário até o fim da Educação Infantil.

Nas casas, graças ao poder de alcance e influência de aplicativos como Instagram ou TikTok, eles têm se tornado muito presentes também.

Quem ganha com certeza são os pequeninos! Por isso, na próxima vez em que for jogar um rolo de papel toalha, não jogue. Dê para uma criança brincar!

ENTRE TELAS E PÁGINAS: LER EM TEMPOS DIGITAIS

MARTA RIBEIRO DA SILVA

Cadeira n.º 3 – Patrono: Fernando Pessoa

Vivemos cercados por telas que piscam, notificações que chamam e palavras que passam velozes diante dos olhos, como se o tempo tivesse desaprendido a esperar. No cotidiano educacional, tenho observado que ler já não é apenas virar páginas, mas disputar atenção com um mundo que não silencia.

Entre um toque e outro na tela, entretanto, resiste o gesto íntimo da leitura, aquele que desacelera o pensamento, organiza as emoções e nos devolve a capacidade de sentir com profundidade.

É comum presenciarmos crianças pequenas com os dedinhos ágeis e os olhinhos brilhando diante do universo digital. Elas leem imagens, sons e estímulos com rapidez impressionante. Tudo é imediato, dinâmico, interativo. O mundo cabe na palma da mão e responde com velocidade ao menor movimento. Enquanto isso, o livro convida a um outro ritmo. Ele pede pausa, silêncio, permanência. Não se desliza um livro com pressa; mergulha-se nele, como quem aceita caminhar por dentro das próprias emoções e pensamentos.

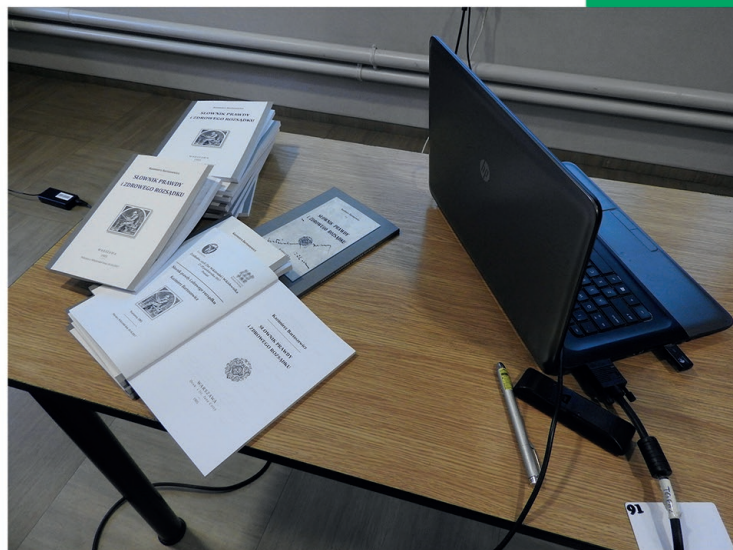
Na minha trajetória na educação, acompanhando leitores em formação, percebo que o encantamento pela leitura não desapareceu, ele apenas necessita ser despertado com sensibilidade e intenção.

Quando uma história é mediada com afeto, quando o livro deixa de ser obrigação e passa a ser encontro, algo se transforma no olhar dos alunos. Surge um silêncio diferente, uma escuta atenta, uma conexão profunda que nenhuma velocidade digital consegue substituir.

A leitura refletida, que atravessa páginas e sentidos, conduz ao interior de nós mesmos. Ao abrir um livro, estabelecemos um diálogo silencioso com ideias, memórias e experiências que ultrapassam o tempo. Há, nesse gesto, uma herança cultural que se perpetua: a tradição da leitura e da escrita transmitida de geração em geração como um legado humano. Bibliotecas, nesse contexto, tornam-se espaços vivos de permanência, guardiãs de memória e da sensibilidade, onde o conhecimento não apenas se acumula, mas se ressignifica.

Reconhecer o valor do livro, contudo, não significa negar os avanços tecnológicos. Como educadora, compreendo que o digital ampliou o acesso à informação, democratizou conteúdos e despertou novas formas de aprendizagem. Crianças e jovens transitam com naturalidade por múltiplas linguagens, desenvolvendo uma leitura rápida, visual e interativa. O desafio do nosso tempo não está em rejeitar as telas, mas impedir que a velocidade substitua a profundidade e ensinar para as crianças a pausa, a calma, a importância do contato e constância com os livros.

Talvez não seja necessário escolher entre o livro e a tela, como se fossem caminhos opostos, mas compreendê-los como margens ligadas por uma mesma ponte. De um lado, a tradição da leitura profunda, silenciosa e reflexiva; do outro, a agilidade do digital, que informa, conecta e amplia horizontes. A ponte, nesse cenário, é o próprio leitor contemporâneo, que aprende a transitar entre a rapidez das informações e a profundidade do pensamento, sem perder a essência do que lê e do que sente.



Fonte: Maire. **Publication of Polish Wikisource to mark** **Źródłosłów**. 2017. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%C5%B9r%C3%B3d%C5%82os%C5%82%C3%B3w_2017_-_Bartoszewicz_s%C5%82ownik_prawdy_ebook_plwikisource_06.jpg

Pergunto-me, com frequência, como formar leitores em uma era que privilegia a pressa.

Na prática educativa, percebo que a mediação sensível, o exemplo e o contato significativo com os livros continuam sendo caminhos essenciais. Quando a leitura é vivida com sentido, ela deixa de competir com as telas e passa a coexistir com elas de forma equilibrada, ampliando possibilidades em vez de gerar conflitos.

Assim, entre páginas e telas, não há uma disputa, mas uma travessia. A tecnologia continuará avançando, como expressão do nosso tempo, enquanto a leitura permanecerá como espaço de interioridade, sensibilidade e consciência. E é, na construção dessa ponte entre o novo e o essencial que formaremos leitores mais críticos, mais sensíveis, mais humanos, capazes não apenas de acessar informações, mas de compreender o mundo e a si mesmos de forma mais integral.



PIRES DA CUNHA
Sociedade de
Advogados

José Pires da Cunha
OAB/SP 25.173

Carlos Olímpio Pires da Cunha
OAB/SP 51.704

RUA ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA N.º 213
VILA TODOS OS SANTOS INDAIATUBA/SP



O PROFESSOR QUE NÃO PODIA ERRAR

ÁLVARO ROBERTO REZENDE JÚNIOR

Cadeira n.º 20 – Patrono: Darcy Ribeiro

Numa fria manhã de domingo, enquanto várias pessoas esperavam inquietas na longa fila em busca do seu pão quentinho na padaria, podia-se ouvir duas senhoras que discutiam a respeito, segundo elas mesmas, de um assunto que a sociedade deveria intervir imediatamente: o professor não podia errar.

- Acho um grande absurdo os professores em pleno século XXI errarem em sala de aula.
 - Onde já se viu alguém que estudou para ensinar cometer erros e ainda mais com os alunos?
 - Mesmo que ele seja novo, já deveria saber tudo do que é ser professor.
 - Na nossa época apenas os alunos que erravam, os professores sempre foram detentores totais do conhecimento e da verdade.
 - E “ai” da gente se apontássemos algum possível erro que ele poderia vir a cometer.
 - Era advertência na certa.
 - Mas isso não acontecia, porque professor não errava.
- Cenas como essa são cada vez mais comuns em uma sociedade em que todo mundo ou é juiz ou pedagogo.



Fonte: Tamandani-Lungu. **A teacher female teaching under a tree due to lack of facilities.** 2013. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_teacher_teaching_under_a_tree.jpg

A participação da sociedade na discussão de temas relevantes é de extrema importância para a manutenção da democracia. No entanto, não há nada mais frustrante do que ouvir discussões sem contexto em que as pessoas sempre acabam se colocando como juiz de determinada situação, pura e simplesmente por opinião pessoal. As chamadas “filosofias de redes sociais” acabam transformando as pessoas em verdadeiros especialistas em todos os assuntos.

É claro que o professor pode errar. E erra o tempo todo. Importante lembrar que ele também precisou estudar – e muito – para poder voltar à sala de aula e, dessa vez, como mestre. E ele não erra apenas por não lembrar ou desconhecer determinada fórmula ou pergunta feita pelo aluno. Ele também erra em suas atitudes, em seu comportamento, fala, ação e pensamento. Antes de ser professor, ele é um ser humano propício a erros e falhas. No entanto ele é extremamente julgado e condenado quando isso acontece simplesmente por ser o que é.

Toda ação gera uma consequência e todo erro acaba causando transtornos. Mas o que realmente deveria importar nisso tudo é o que o professor faz quando erra. Reconhecimento. Arrependimento. Pedido de desculpas. Tentativa de conserto. E o mais importante, aquilo que ele mais almeja em seu aluno em sala de aula, aprender com o erro para que nunca mais precise errar da mesma forma.

O fato é que quando se exige mais do que isso do professor ou de qualquer outra pessoa quando erra, não se está esperando seu amadurecimento e aprendizado, mas sim justiça. Mas afinal, a escola não é lugar de errar? E aprender...

INDAIATUBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

J. R. GUEDES DE OLIVEIRA
Acadêmico Honorário

Um dos jornais mais antigos de Capivari foi a “Gazeta de Capivari”, que se iniciou em 1885 e seguiu atuante até 1934. Na fase de 1900 a 1910, foi seu redator e diretor o jornalista e advogado itaboraense Francisco Luiz Gonzaga (1866–1955), célebre figura que por mais de três décadas se dedicou ao melhor para sua cidade adotiva.

Personalidade republicana, poeta, conferencista e político dos mais fervorosos, fez do jornal uma tribuna em defesa das causas nobres e pelos desafortunados. Cronista como poucos, mantinha várias colunas no referido jornal e deliciava-se em mantê-las saudáveis e atrativas.

Numa dessas crônicas, estampada no semanário datado do dia 26 de julho de 1914, de nº. 702, ele antevia para Indaiatuba uma cidade progressista. Eis, portanto, para a apreciação de todos, a descrição dele sobre a Terra dos Indaiás.

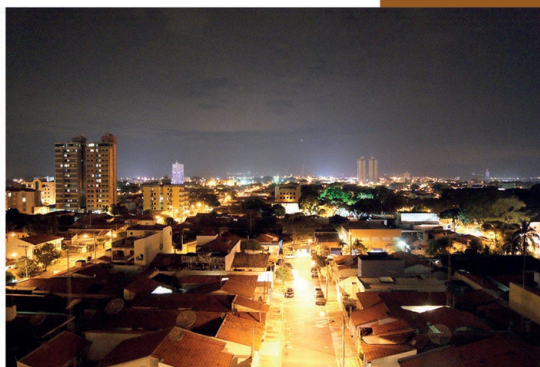
Indaiatuba

“Foi em 1895 que estivemos em Indaiatuba a tomar parte num banquete oferecido pelo prestante e simpático negociante daquela cidade, Sr. César Lizone, e em companhia de Abílio Fernandes de Almeida, Ângelo Peres Martins e José Henrique de Araújo, três amigos que já não existem.

Se nessa ocasião admiramos o planalto pitoresco, onde José da Costa, no século passado, assentou sua tenda de trabalho e iniciou a construção de uma capela que foi concluída por Pedro Gonçalves, muito embora estivesse a cidade iluminada à querosene e os seus prédios maltratados, maior ainda foi nosso entusiasmo ao ver agora uma cidade repleta de prédios de estilo moderno, iluminada à luz elétrica e possuidora de melhoramentos que bem atestam o esforço e dedicação do seu prefeito, Sr. Major Alfredo Fonseca.

As ruas direitas, bem cuidadas, cortando-se em ângulos retos; o jardim cultivado com capricho, a bem acabada estação da Sorocabana e seu clima ameno e saudável nos convencem do brilhante futuro de Indaiatuba, tão recomendada aos que precisam de saúde.

Ali, recebidos gentilmente pelo Sr. José Miguel Bózio, nosso colega do Indaiatubano, percorremos ligeiramente a cidade, admirando e apreciando o que acabamos de expor.



Fonte: Fabio Mincarelli Monfrin. **Vista parcial noturna de Indaiatuba, São Paulo, Brasil.** 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_noturna_de_Indaiatuba_SP.jpg

O ilustrado Major Fonseca, chefe político e prefeito daquela localidade, com a gentileza que o caracteriza, nos conduziu ao edifício da Câmara, orientando-nos sobre seus feitos, que são muitos e de real valor, entre eles uma bela planta de serviço de abastecimento d’água em perspectiva, melhoramento de que Indaiatuba ainda se ressentia.

Vimos também uma haste repleta de casulos de bichos de seda, criação do Sr. Natale Furgere, agricultor no município, a qual ali se acha em exposição.

O espaço de uma hora, entre o tempo que nos conduziu e o que nos fez regressar, não permitiu melhores apontamentos para esta singela notícia, mas não queremos terminá-la sem agradecer pelo carinhoso acolhimento dispensado pelos Srs. José Miguel Bózio e Major Fonseca”.

A REPÚBLICA E A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA POPULAR NO BRASIL (PARTE 1)

SILVANE LEITE POLTRONIERI

Cadeira nº 16 – Patrona: Hilda Hilst

Ao pesquisar a história da educação primária pública em terras brasileiras, muitos autores creditam à República – proclamada em 15 de novembro de 1889 – o mérito do crescimento das oportunidades escolares em nível popular, visto que ao final do regime imperial, apenas 10% da população brasileira – moradores na sede do governo, Rio de Janeiro – tinha acesso à instrução primária: leitura, escrita, cálculo e ensino religioso.

Com a instauração da República, o ensino passa a ser leigo e livre em todos os graus e gratuito no primário, conforme o Decreto n. 510/1890, artigo 62, item 5º do Governo Provisório da República. Na Constituição de 1891 – que vigorará até 1930 – a União ficou com a competência de legislar sobre o ensino superior e secundário, e aos estados, a organização dos sistemas escolares primários, normal e secundário.

Com o advento da República e o processo de assimilação da ideologia liberal pelos republicanos, a instrução popular foi considerada a estratégia imprescindível ao progresso. Rui Barbosa já argumentava, em seus pareceres sobre a instrução pública popular que a escola iria “... disseminar as luzes para desterrar a ignorância, para habilitar cidadãos para seus efetivos direitos em direção ao aperfeiçoamento das novas instituições jurídicas”.

Era o momento de transformar os súditos em cidadãos. O ideário republicano mostrava-se incompatível com a ignorância do povo. A escola então adquire centralidade política e social, e um dos instrumentos utilizados para atingir esse objetivo foi a disseminação e implantação das escolas públicas – obrigatórias, gratuitas, leigas – com estrutura física e humana, necessárias ao seu funcionamento. É desse período o aparecimento dos grupos escolares ou escolas modelo e a introdução do ensino graduado, sem, no entanto, extinguir a antiga escola primária, de um só professor e uma só classe, com alunos de diferentes idades e diferentes níveis de aprendizagem.

Em 1889, aproximadamente 12% das crianças em idade escolar estavam matriculadas em escolas públicas de primeiras letras. Em 1930, este índice aponta um crescimento para 30%, aliados à implantação dos grupos escolares.

O Estado de São Paulo – conforme levantamento realizado pelo Jornal O Ytuano – contava em 1884 com 938 escolas públicas de ensino primário, sendo 593 masculinas e 345 femininas. Dessas, 244 não tinham professores. Essas “escolas” eram compostas por uma sala de aula, em condições precárias de funcionamento, de trabalho e falta de materiais. Nela, um único professor que, além de lecionar, também era responsável por recrutar os alunos – de diferentes idades e níveis de aprendizagem – nas imediações.

A Constituição Estadual de 1891 enfatizou o princípio liberal dos republicanos paulistas, tornando obrigatória e gratuita a instrução primária para crianças de ambos os sexos, entre 8 e 12 anos, como um dever do Estado e direito do cidadão. Em 1892, os pais dos alunos que não frequentassem a escola poderiam ser multados. É deste período o início da implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo. Nesses grupos os alunos eram separados por classes, séries e sexo, existindo duas classes para cada série.

Visando garantir o cumprimento da legislação, foram nomeados inspetores de distrito – professores normalistas com mais de três anos de exercício no magistério – que tinham a função de visitar regularmente as escolas. Na falta deles, os prefeitos poderiam realizar as inspeções. O sistema de inspetorias foi o responsável por registrar dados das escolas existentes nos mais longínquos lugares do Estado, tornando-se uma fonte de pesquisa relevante.



Fonte: RPF. **Crianças na escola primária.** Imagem criada pelo Gemini Google. 2026.

VERITAS RATIONALIS

JAIRO EFIGÊNIO CORRÊA DA SILVA

Cadeira n.º 26 – Patrono: Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti

Veritas Rationalis, termo que tem por vaso genésico o latim, que por sua vez é raiz da língua portuguesa, a qual nasce por volta de 219 a.C. trazida à Península Ibérica por soldados romanos, falantes do latim vulgar. Passaram-se milênios, tornou-se como língua de muitos povos — a meu juízo — a mais bela e sonora das línguas faladas atualmente, tal seja esta língua, a lusofonia brasileira. Assim sendo, vem a significar Verdade Racional.

Entretanto, o que é a verdade como certeza, senão uma âncora lançada em águas revoltas, as quais nunca param seu movimento? Problemático o convívio com aqueles que têm sua verdade como certa e absoluta, é sufocante mesmo a nós outros que nos dessedentamos pela dúvida como moto-contínuo do pensamento, haja vista estática a verdade quando absoluta e certa, daqueles outros que pensam serem sapientíssimos; verdade que cristalizada e petrificada em fórmulas imutáveis, em lugar do dinamismo da dúvida que nos impulsiona, nos movimenta em questionamentos.



Fonte: Colin Rose. "Truth". Supreme Court. Sculptor, Walter Allward. 2007. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Statue_of_Truth.jpg

Sócrates (469*/399+a.C.), com seu imortal e memorável dizer "Só sei que na da sei", o arquétipo do pensador que valoriza a dúvida como ponto de partida para o conhecimento da verdade, nunca aceitava a verdade como certeza absoluta, utilizando-se da Maiêutica — a arte de fazer nascer ideias — com desiderato questionar os seus interlocutores; para Sócrates a verdade tem por gênese o reconhecimento da própria ignorância – verdadeiro gesto de humildade e abertura para a verdade, primórdios então, da Verdade Racional.

René Descartes (1596*/1650+), com seu eterno e polêmico "Cogito Ergo Sum", fez da dúvida o seu método para buscar o conhecimento da verdade, fazendo de sua filosofia o nascedouro da crítica à aceitação passiva dos dogmas, das verdades herdadas, que são oponentes à postura de nós outros, que vivemos da dúvida como método para o conhecimento da verdade.

Immanuel Kant (1724*/1804+), um luterano iluminista prussiano de Königsberg, asseverava-nos que a superação da ignorância e do egoísmo em prol da busca pela verdade e pelo aperfeiçoamento humano é exigência para a construção de uma ordem social harmônica, justa e perfeita como deva ser; Kant, em sua memorável sapiência, unia racionalidade, moralidade e política numa visão iluminista com arrimos na razão, com propósito buscar uma ordem universal no conhecimento da verdade.

Immanuel Kant, em seu "Opus Mater", tal seja "A Crítica da Razão Pura" (1781) argumentou que o Homem não conhece a verdade como ela é em si mesma (noumenon), todavia, como esta verdade se lhe parece (phainómenon); para tanto, conhecerá a verdade se pautá-la pela razão, por meio da dúvida que faz a indagação com respostas dialeticamente raciocinadas.

Friedrich Nietzsche (1844*/1900+), com sua "Crítica à Moral Dogmática de Rebanho", pontuava o perigo das verdades pétreas, haja vista que feriam de morte o espírito de criação pela dúvida e impediam a ordem e o progresso; assim, o monumental filósofo alemão, com seu "Deus está Morto", combateu ferozmente os sistemas que diziam ser portadores da "verdade absoluta", dizendo sempre: "seja você mesmo, mesmo que em minoria."

Concluo, portanto, com epistemologias empírica, racional e crítica, notando que os filósofos, dos pré-socráticos ao bom filósofo hodierno, os quais buscaram e buscam racionalmente a verdade, andaram muito bem em seus estadiamentos morais à cada era da humanidade, todavia, sempre com raciocínios à compreenderem a verdade, tanto a relativa quanto a absoluta, se é que existam uma e outra, ou se ambas não passam de raciocínios incompletados pela nossa ínfima capacidade pensante, já que mentalmente aprisionados dentro deste escafandro que denominamos corpo humano, que muito mais por questões biológicas que espirituais, ainda não conseguimos aquela verdade narrada em o Evangelho segundo João, em seu Versículo 32 de seu Capítulo VIII, no qual: "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará."

HUMANISMO E LINGUAGEM: PALAVRA COMO FUNDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO

ALBERTO MARTINS

Cadeira n.º 18 – Patrono: Pablo Neruda

Desde que os primeiros grupos humanos se reuniram em torno do fogo para enfrentar o frio e o medo da noite, viver em comunidade deixou de ser escolha e tornou-se condição. A natureza nunca foi inteiramente dócil: o clima impõe limites, a fome exige engenho, o perigo convoca alianças. Foi nesse cenário de vulnerabilidade que surgiram os primeiros gestos compartilhados, os sons carregados de intenção, os sinais que expressavam “venha”, “cuidado”, “aqui há alimento”. Antes de ser ornamento, a linguagem foi abrigo.

Com o tempo, aquilo que começou como necessidade tornou-se potência. Ao nomear o mundo, o ser humano passou também a organizá-lo. Nomear é distinguir, é reconhecer, é dar forma ao que antes era apenas fluxo indistinto. A palavra não apenas comunica, ela estrutura o pensamento. Aquilo que conseguimos dizer torna-se pensável; aquilo que não encontramos termos para expressar permanece difuso, quase inexistente



Fonte: Alejandro jm. **Mural del humanismo. Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla.** 2010. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mural_humanismo.jpg

A vida individual é breve. Cada geração atravessa o tempo como quem atravessa uma ponte frágil. A linguagem, porém, constrói pontes mais duradouras. Por meio dela, crenças atravessam séculos, descobertas científicas acumulam-se, poemas continuam a emocionar vozes que ainda não nasceram. A palavra transforma experiência em memória compartilhada.

Da pedra gravada às bibliotecas digitais, a escrita ampliou nossa capacidade de lembrar. Mas, apesar das transformações tecnológicas, algo permanece constante: é sempre pela linguagem que o conhecimento se organiza e que a história encontra continuidade. A técnica altera os meios; a palavra sustenta o sentido.

Não existe civilização sem linguagem. Leis, mitos, teorias científicas, narrativas literárias – todos são modos de dizer o mundo e, ao dizê-lo, configurá-lo. Uma sociedade é também o conjunto das histórias que conta sobre si mesma. Quando essas histórias se empobrecem ou se tornam violentas, a própria convivência se fragiliza.

É nesse ponto que o humanismo se afirma. Reconhecer a dignidade humana não é abstração retórica; é admitir que cada pessoa participa dessa grande trama de sentidos construída coletivamente. Respeitar culturas, preservar a natureza, agir com ética, tudo isso depende da maneira como falamos, escutamos e interpretamos. A linguagem não é neutra: ela pode acolher ou excluir, esclarecer ou manipular, libertar ou oprimir.

Preservar línguas e memórias é mais do que conservar palavras antigas; é proteger modos de ver o mundo. Quando um povo é silenciado, perde-se uma forma singular de compreender a realidade. Empobrece-se o patrimônio simbólico da humanidade.

Palavras como justiça, liberdade e responsabilidade não brotam da matéria; emergem do exercício reflexivo. São conquistas da consciência linguística. Pela literatura, o ser humano explora suas próprias contradições; pela poesia, expressa o que escapa ao discurso lógico; pela crítica, revê certezas. Ler é ampliar o horizonte do possível.

Humanizar-se por meio da linguagem exige coerência. A forma elegante não basta se estiver dissociada da verdade interior. A técnica pode aperfeiçoar a expressão, mas não substitui discernimento nem consciência moral. O progresso tecnológico, por si só, não garante avanço humano; é preciso que a palavra continue vinculada ao diálogo, ao respeito e à busca sincera da verdade.

O humanismo não rejeita a técnica, orienta-a. Recorda que, antes de qualquer inovação, somos seres de linguagem. E enquanto houver quem escreva, leia, questione e escute com abertura, a palavra continuará viva: não como simples instrumento, mas como espaço onde a experiência humana encontra sentido e continuidade.



Avenida dos trabalhadores, 116,
sala 509, The Diplomat Office



Harmonia Contabilidade



(19) 3885-5622



contato@harmoniacontabilidade.com.br

ESPECIALISTA EM
LUCRO REAL
E
CONTABILIDADE DE
EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO.

CONSCIÊNCIA INTELECTUAL E A VOCAÇÃO DO SER

JON BRODSKY

Cadeira nº 15 – Patrono: Farias Brito

A consciência intelectual não busca criar invenções para si mesma, pois sabe que suas ideias nunca corresponderão plenamente à autenticidade da existência. O que ela busca é a investigação do ser, deparando-se invariavelmente com ocultações, mistérios e dissimulações. A realidade deve ser garimpada, buscada e desvelada, pois encontra-se frequentemente mascarada ao nosso redor. O esforço intelectual consiste em verificar, perceber e desnudá-la de seu véu; pois, quando a realidade torna patente o seu oculto, revela-nos a sua verdade.

A consciência intelectual não se reduz ao simples exercício de atividades psíquicas intelectivas, como pensar, refletir, inferir ou abstrair. Na verdade, estas são atividades inerentes, assim como o andar é inerente às pernas, o enxergar aos olhos e o ouvir aos ouvidos. O que seria do andar sem a superfície para caminhar? O que seria do enxergar sem a luz para ver? O nariz não produz o ar, nem o ouvido produz o som. Da mesma forma, a razão humana não produz realidades nem verdades; estas a precedem e a transcendem, jamais podendo ser meros produtos da mente.

Como seres dotados de consciência intelectual, estamos fundamentados na realidade e na verdade. Estes são os princípios que nos propiciam o conhecimento que faz pensar os pensamentos e saber os saberes. A razão humana nunca será a verdade absoluta. A fonte do conhecimento não emana dela, mas da existência absoluta e eterna, permitindo-nos o conhecimento intelectual do real para a integridade do nosso ser espiritual, moral e social.



Fonte: Valdoria. **El pensador. Museo Rodin, Paris.** 2011.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:LE_PENSEUR_-_Museo_Rodin_-_PARIS.jpg

A atividade da inteligência é uma ação humana, não divina. Divinas são a realidade e a verdade, que residem no ser como princípios de objetividade. A consciência intelectual é como o “sol da meia-noite”, uma metáfora para o intelecto que aclara ideias eclipsadas e desata a razão amordaçada pela servidão voluntária. É a sensatez que desconfia do enganoso coração humano, como advertem os Provérbios bíblicos. Deus conferiu-nos a mente para pensar e o coração para sentir; no entanto, fazemos o inverso: pensamos com o coração e tomamos decisões baseadas em sentimentos efêmeros que, embora fugazes, deixam consequências permanentes.

A prevalência da emoção priva a mente de seus meios de cognição, gerando uma fuga da realidade. Muitos buscam “pertencimento” em ideologias e grupos, entregando sua autonomia a gurus e líderes. Não há alienação mais perigosa do que entregar a outrem a própria autonomia moral e espiritual. A mente adestrada é incapaz de discernir o falso do verdadeiro. Nascemos aptos a pensar, mas precisamos descobrir como usar esse pensamento, tal como uma criança aprende a caminhar: entre quedas e esforços.

O recurso essencial da subsistência humana é a mente. Precisamos de conhecimentos factíveis e de meios para raciocinar, pois Deus não concede “esmola intelectual”. Ele é o Logos — o Verbo que se fez carne. O Verbo não é apenas linguagem, mas inteligência cósmica. Parte desse Intelecto nos foi concedida como livre-arbítrio e razão. Fé sem obras é morta; pensamento sem ação é fraudulento.

Nosso poder reside no intelecto, não nas intuições divorciadas dos fatos. É urgente reconhecer a preponderância da razão como meio básico de vida. Embora sejamos seres falíveis e movidos por afetos, o esforço contínuo deve ser para o aprimoramento — mente sã em corpo são. Em uma sociedade de moralidade líquida, resta-nos apoiar em valores atemporais: fé, coragem, honra, generosidade e justiça. Estas virtudes não mudam com as épocas; não existe “humildade moderna”.

Todo indivíduo disposto a pensar sabe que a vida deve ser guiada pela razão, sob pena de entregá-la ao cinismo moral. Deve-se assumir a responsabilidade de pensar, verificando premissas e integrando ideias com coerência. O mundo é o que é, independentemente de nossos desejos. A razão fundamentada no espírito é o único meio de observar a realidade e elaborar princípios sobre o que é bom e o que é justo.



NOBEL

IMÓVEIS

— CRECI 28054-J —



Avenida dos trabalhadores, 116,
sala 203, The Diplomat Office



Nobel Imoveis



(19) 99941-8144



contato@imoveisnobel.com.br

**Locação,
Administração e
Venda de imóveis.**



RECONEXÃO

ALEXANDRE CARDOSO

Cadeira nº 19 – Patrono: José de Alencar

Oriundo de uma família profundamente cristã e praticante, seu interesse pelo sagrado sempre foi muito intenso, e o encanto e interesse pelos mistérios da fé começou em sua infância. Incomum para um menino de onze anos, que naturalmente é mais interessado em se divertir com os amigos, praticar esportes, ele sempre preferiu vasculhar os enigmas do universo, da criação e o que nos aguardaria após o encerramento da jornada terrena.

O sobrenatural sempre lhe despertou um grande encanto e, nesta fase, aos doze anos aproximadamente, ele já estava lendo livros de parapsicologia, romances de teor inadequado à sua faixa etária, como clássicos do terror, sendo que o primeiro livro (que implorou aos onze anos ao seu pai para que comprasse) foi sobre o tema ufologia, cujo interesse vinha desde os sete anos de idade, quando se encantou no cinema assistindo “*Contatos Imediatos do Terceiro Grau*”, de Steven Spielberg.

Nesta mesma época, 1982, a série Cosmos, de Carl Sagan, foi lançada no Brasil e ele começou a se interessar tanto por religião e espiritualidade, como por astronomia. Fé e ciência passaram então a andar de mãos dadas com ele. E assim foi sua caminhada até os dias atuais, uma busca pela fé, porém com os pés firmes no chão.

Sua crença original começou a ficar limitada, sua sede de conhecimento procurava por respostas em outras formas de manifestação do sagrado. Peregrinou pelos caminhos do misticismo oriental, esoterismo ocidental e religiões das mais diversas vertentes, cristãs, de matriz africana, xamânicas, japonesas, chinesas, ecumênicas, doutrina espírita e espiritualismo. Em cada uma delas ele buscava o caminho definitivo pelo qual ele seguiria como a Verdade, o encontro real com Deus.

Algo curioso, porém, começou a acontecer: em cada porta que lhe fora aberta, recebeu fragmentos da Verdade e não se sentia à vontade de ali permanecer, por entender que a jornada ainda não havia terminado. Sua *Voyager* orgânica ainda tinha um universo vasto a explorar.

Quando entrava em um templo, imaginava que ali sentiria algo especial que tocasse seu coração, um êxtase ou algo similar. Mas não, um vazio tomava conta de si, mas não sentia Deus.

Passou então a vivenciar experiências inusitadas em momentos corriqueiros, como: caminhar por ruas e avenidas até o local de trabalho, a uma agência bancária, entrar em um comércio ou apenas sentar na praça, observando o movimento das pessoas indo e vindo e o que faziam.

Começou a prestar atenção em seus próprios pensamentos e se deu conta de que estava dialogando internamente com algo além de si, que, conforme diversas correntes de pensamento, pode ser chamado de Eu Superior, consciência, Deus. Então, caiu em si de que isso sempre acontecera.

Passou a dar mais atenção a esta voz interior e foi compreendendo o sentido em tudo à sua volta e em toda a sua trajetória de vida até então.

A sensação dessa presença divina foi ficando mais intensa, porém muitas vezes as respostas não vinham de imediato. Ele refletia repetidas vezes sobre situações que o incomodavam, mas não obtinha respostas.



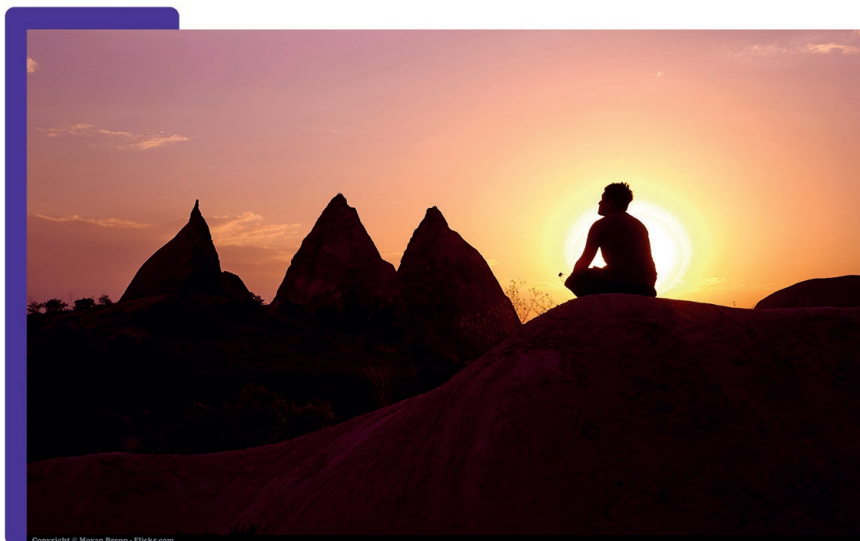
MOURA - SERVIÇOS

MOURA CAMPINAS – Limpeza e Manutenção Predial Ltda.

Rua Ana Custódio da Silva, 206 - Jd. Nova Mercedes - CEP: 13052-502 - Campinas - SP - Fone: (19) 3265 8796

CNPJ: 42.044.260/0001-09
moura@mouraservicos.com.br

IM: 696609-8
www.mouraservicos.com.br



Fonte: Moyan Brenn. **Some rock peaks with a person on one side taken in silhouette.** 2011. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Meditation_\(7912377858\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Meditation_(7912377858).jpg)

Repentinamente, no meio de atividades diversas, a solução surgia quando ele menos esperava e, não raro, por meio de sonhos, em breves cochilos.

Depois de anos de busca pela presença sagrada em sua vida, descobriu que a divindade esteve lá o tempo todo, oculta, permitindo-lhe caminhar por suas diversas formas de apresentação ao mundo, válidas e eficazes, e ensinando-lhe que o princípio em todas era o mesmo: a realização de nossa aproximação d'Ele, que nunca esteve em templos de pedra, mas sim em nosso templo interior, o coração, e que a partir de uma reconexão podemos dar os passos, correta e conscientemente, pela vida, sabiamente desviando-nos dos caminhos tortuosos que em nada acrescentam à nossa evolução.

Educação Infantil Aconchego

- ✧ Berçário e Educação infantil (4 meses a 6 anos)
- ✧ 18 anos de experiência
- ✧ Profissionais qualificados por faixa etária
- ✧ Proposta pedagógica lúdica e significativa
- ✧ Alimentação equilibrada para cada fase
- ✧ Atividades que estimulam o desenvolvimento integral

Horário: das 6h45min às 18h45min

📍 R. Armando Sales de Oliveira, n.º 1.163 (Cidade Nova)

☎ (19) 3318.0733 / (19) 3318.0734

📷 @aconchegoindaiatuba

**CUIDAR E EDUCAR CAMINHANDO JUNTOS!
AGENDE UMA VISITA.**



UMA HISTÓRIA BEM ATUAL

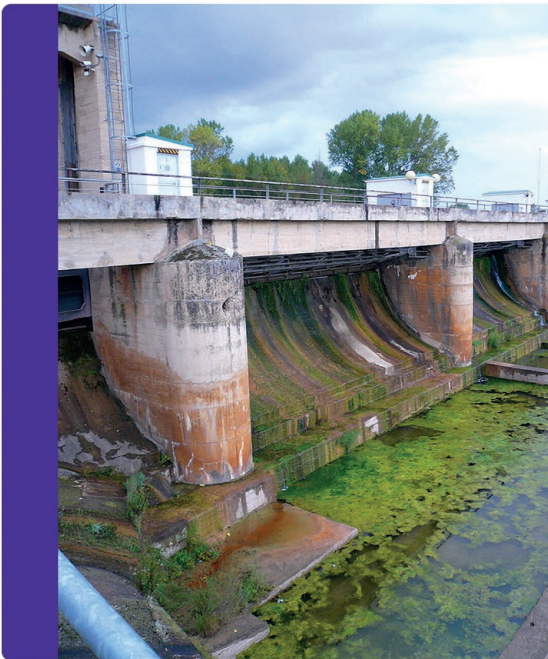
MARCELO CASTRO BOMFIM

Cadeira n.º 05 – Patrono: Castro Alves

Era uma vez, um enorme, forte e resistente dique que havia num lugar. Contendo em si mesmo a alta responsabilidade de zelar e manter a vida equilibrada na localidade onde ele fora construído, o dique sabia da meta que lhe cabia e por isso mesmo se mantinha rígido e firme numa condição quase inabalável diante das intempéries e tensões provocadas pela variação do clima e da força exercida em sua estrutura pelo grande mar.

Sim, um grande mar, afinal, sua responsabilidade era justamente conter o mar e o constante solapar das ondas em sua muralha de pedra, afinal, ele pensava: “Eu existo para isso, para estar sempre forte e me manter firme diante das tensões do grande mar e suas ondas que sempre oscilam entre dias tranquilos e dias tempestuosos, às vezes apresentando até ondas quase devastadoras”.

Nos dias tranquilos e ensolarados, quando o mar estava calmo e as ondas pareciam dormir com a ausência de ventos, o dique cumpria com o seu papel sem maiores tensões. Entretanto, quando o tempo fechava, as nuvens formavam cúmulos, nimbos e os ventos se intensificavam assobiando fazendo com que as ondas subissem muito de altura descarregando toda a tensão e fúria no dique que inevitavelmente sentia todo o peso descarregado em sua estrutura, entretanto, desatento sobre si mesmo, sempre buscava aguentar firme e manter-se enquanto as ondas irascíveis esbofeteavam-no com ira ininterrupta, sempre deixando marcas, frestas, trincas e desgastes cada vez maiores.



Fonte: Zarateman. **Represa del Ebro en Suzana**. 2020. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Suzana_-_Represa_del_Ebro_4.jpg

O dique, no entanto, rígido e fixo na certeza de que havia sido criado para isso, ou seja, para durar, resistir e fazer o que era de sua responsabilidade houvesse o que houvesse (já que não era, digamos, um “dique criança”, mas sim um “dique adulto”), não levava em consideração que de vez em quando precisava de auxílio, reparos e manutenção a fim de manter-se bem e continuar existindo com integridade. Sendo assim, desprezando a importância do autocuidado e ignorando as próprias necessidades mais profundas, ele apenas seguia dia após dia “cumprindo com a sua obrigação”.

Com a passagem implacável dos anos e as sucessivas variações de temperatura, intensidade dos ventos e das chuvas volumosas ou do sol causticante e, sobretudo, com o choque das ondas principalmente quando estavam enfurecidas, essas mesmas marcas, fissuras e trincas já presentes no dique sem reparos só aumentavam. Entretanto, o que antes eram apenas pequenas trincas, com o tempo se tornaram grandes rachaduras comprometendo naturalmente toda a sua própria existência, contudo, o dique apenas repetia: “Eu não sou um ‘dique criança’, já sou um ‘dique adulto’”.

Foi então que certo dia, aconteceu uma violenta tempestade e as ondas do mar se encrespavam, batendo com força nas paredes do dique. Tanto bateram que inevitavelmente fizeram as rachaduras já existentes se ampliarem e o mar, exercendo uma forte pressão em suas paredes acabou, enfim, por vencê-lo primeiro através de um pequeno filete de

água salgada a jorrar pela rachadura para o outro lado que logo depois, se tornou um imenso jato d’água e o dique não teve outra alternativa, senão, observar entristecido a invasão intensa das águas. O dique não mais suportou toda a pressão exercida pelo mar em sua anterior estrutura rígida e foi vencido, ruíu e o mar avançou inclemente sobre suas paredes destruídas. Ele, então, tardiamente pensou: “Por que descuidei tanto de mim mesmo, do autocuidado, do autoamor? Por que não reconheci as marcas e dores já presentes em mim para tratá-las convenientemente? Por que não busquei ajuda para os reparos necessários considerando-me tão forte?” Enquanto isso, na tristeza do seu pensamento tardio, as ondas simplesmente avançaram inclementes sobre os seus escombros.

QUARADOURO

ROSÂNGELA SILVA

Cadeira n.º 17 – Patrona: Cecília Meireles

A roupa ela pôs de molho,
para soltar as impurezas,
para clarear a sujeira
que ficou impregnada
das andanças por aí,
sem eira, nem beira,
um tanto costumeiras.

Enquanto lava, esfrega,
vai lembrando a caminhada,
por onde rastejou,
por onde ajoelhou,
por onde se deitou,
por onde estacionou.

Enquanto lava, ensaboa,
vai recordando as palavras ditas,
não ditas, malditas,
vai estourando bolhas de sabão,
espelhando-se na água encardida.

No quaradouro, o sol
dilui as manchas,
dissolve as marcas
e quando torce as peças,
já limpas, asseadas,
livre do encardimento,
vê que também já é outra,
mais clara, alvejada,
transparente, menos opaca.

Junto com as roupas,
se dependura no varal
e vai evaporando dores,
mágoas, lágrimas incolores.

AFONIA

FERNANDA MISUMI

Acadêmica Correspondente

existe alguém nesse mundo
que me acha atraente
que por mim sente
desejo
vontade
que se interessa
tudo balela, claro

eu quero a sorte de um amor tranquilo,
como na música
com sabor de fruta mordida.
aquele amor doce e difícil de viver

aquele amor que precisa ser (re)construído diariamente.
aquele amor que não acaba ao pôr do sol
mas precisa acordar renovado
todo dia conquistar a mesma pessoa
que muda

emudecemos

o choro engolido, a ausência de ouvintes
para a história
que não faz diferença pro mundo
além do meu

LIVRE INSPIRAÇÕES DOS HAICAIS JAPONESES

DARCIO CALLIGARIS

Cadeira N.º 8 – Patrono: Augusto dos Anjos

Vamos nos adaptar
às mudanças
e aos golpes da vida.

Não existe perfeição pois,
todas as coisas e pessoas
podem ser melhoradas.

É inútil ficarmos
aborrecidos quando não podemos
mudar uma situação.

Se tivermos medo
de fracassar não
aprenderemos nada.

Sorrir faz abrir
o coração de quem sorri
e de quem recebe o sorriso.

MINHA METADE

MARIANE SIEVERT

Cadeira n.º 10 – Patrona: Antonieta de Barros

Nasceu no âmago
Da memória,
Como semente germinante.
Um quadro
Surpreendentemente errante,
Fúria, desejo e calor.

Tomou-me em goles
De espanto.
E em pranto
Se desfez do dia.
Em nuvem, chuva, agonia,
Enfim repleto de dor.

Fiquei à procura
No escombros,
Do teu beijo, teu cheiro
teu ombro,
Da jura eterna de amor.

Encontrei foi longa saudade,
Do toque no corpo seu.
Seu vulto pela cidade,
Hoje minha metade,
Sou eu.

HÁ 30 ANOS CELEBRANDO *Histórias que nos Unem!*



Prof.ª Marta Ribeiro
Diretora/Mantenedora

COLÉGIO EPISTEME

EDUCAÇÃO INFANTIL - ENSINO FUNDAMENTAL - ENSINO MÉDIO

MATRÍCULAS ABERTAS!

Rua Leopoldo Sombini, nº 105
Jardim São Francisco - Indaiatuba (SP)

www.colegioepisteme.com.br

@colegio_episteme

(19) 3875-0189



A PRIMEIRA PORTA

J.H. MARTINS

Cadeira n.º 01 – Patrono: Machado de Assis

Toda criança nasce com duas chaves invisíveis: a imaginação e a curiosidade.

Mas é a literatura que lhe apresenta as portas.

Antes mesmo de compreender o mundo, ela compreende histórias. Escuta vozes, ritmos e repetições. Um conto contado antes de dormir não é apenas um ritual doméstico, é uma arquitetura silenciosa sendo construída dentro da alma. Ali, sem que ninguém perceba, a criança aprende a sentir antes de saber explicar.

Um livro infantil nunca é pequeno. Pequeno é apenas o tamanho de suas páginas.

Dentro dele cabem florestas inteiras, dragões, medos, descobertas, perdas, amizades, coragem. Cabem perguntas que ainda não foram formuladas e respostas que ainda não fazem sentido, mas que, de algum modo, permanecem guardadas, esperando o tempo certo de florescer.

Quando uma criança lê ou escuta alguém ler, algo extraordinário acontece: ela passa a existir também em outros mundos. E, ao viajar por esses mundos, começa a entender melhor o próprio. A literatura ensina que o medo pode ser enfrentado, que a tristeza pode ser nomeada, que a alegria pode ser compartilhada. Ensina, sobretudo, que sentir não é fraqueza, é humanidade.



Fonte: Agência de Notícias do Acre. **A intimidade entre crianças e livros facilita o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.** 2009. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Crianças_e_livros_\(4116774797\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Crianças_e_livros_(4116774797).jpg)

Há quem pense que a literatura infantil serve apenas para entreter. Engano delicado. Ela forma linguagem, amplia vocabulário, organiza pensamentos, mas, acima de tudo, educa a sensibilidade. Uma criança que convive com livros aprende a escutar, a imaginar soluções, a compreender diferenças e a respeitar silêncios.

E que revolução silenciosa é essa?

Uma criança sentada, aparentemente quieta, enquanto, por dentro, universos inteiros se movimentam.

Os livros também oferecem companhia. Em momentos de solidão, de medo ou de insegurança, personagens se tornam amigos invisíveis. Eles dizem, sem dizer diretamente: “Você não está sozinho.” E essa mensagem, simples e profunda, pode ser decisiva na formação emocional de uma vida inteira.

Mais tarde, quando a infância se transforma em memória, talvez a criança não se recorde de todas as histórias lidas. Mas algo permanece. Permanece a capacidade de sonhar, de imaginar possibilidades, de olhar o mundo com curiosidade e não apenas com pressa.

A literatura não apressa a infância.

Ela a aprofunda.

Num tempo em que telas brilham e estímulos são instantâneos, o livro oferece algo raro: pausa. E, na pausa, nasce o pensamento. Na lentidão da leitura, a criança aprende a construir sentidos, a esperar, a imaginar o que virá na próxima página e, sem perceber, aprende também a esperar pela vida.

Talvez o maior presente que a literatura oferece a uma criança não seja o conhecimento imediato, mas a formação de um olhar. Um olhar mais atento, mais sensível, mais humano.

Porque toda criança que cresce entre histórias aprende, desde cedo, que o mundo não é feito apenas do que se vê, mas também do que se sente.

E é nesse instante, silencioso, quase invisível, que a literatura deixa de ser apenas leitura e se transforma em destino.

IMPRESSÕES SOBRE A POESIA QUINTANA: A EXPERIÊNCIA DO TEMPO

RUBENS PANTANO FILHO

Cadeira n.º 31 – Patrono: Mario Quintana

Na obra *A vaca e o hipogrifo* (2008), precisamente no poema “*A poesia é necessária*” (Quintana, 2008, p. 238), Mário Quintana afirma que os leitores comuns são poetas inéditos, pois a poesia representa a única forma de novidade genuína. Nas palavras do autor:

E, mesmo para os leitores de poemas, que são todos eles poetas inéditos, a poesia é a única novidade possível. Pois tudo já está nas enciclopédias, que só repetem estupidamente, como robôs, o que lhes foi incutido. Ou embutido. Ah, mas um poema, um poema é outra coisa...

Estimulado por essa provocação, arrisco-me a registrar algumas impressões sobre o que sua poesia desperta em mim, um leitor comum.

A obra de Quintana dedica-se a refletir sobre os pequenos acontecimentos do cotidiano, revelando as sutilezas da vida comum. A crítica especializada destaca sua habilidade em transformar o trivial em matéria poética de alcance universal, o uso de ironia e humor, a profundidade que contrasta com a leveza, a influência do Modernismo mesclada a um estilo próprio e uma escrita concisa e acessível.

Contudo, o que, a meu ver, mais a distingue é sua capacidade de despertar sensações que a vida moderna, com seu ritmo frenético, tende a sufocar.

O poema “*A vida*” (Quintana, 2008, p. 76), por exemplo, cria um lapso de suspensão temporal, como se nos colocasse na contramão da pressa e do imediatismo da vida moderna que nos assola com a constante sensação de estarmos atrasados, sobrecarregados de mensagens e mergulhados em notificações incessantes:

A vida

*Se a vida é tão curta como dizes
Por que é que me estás lendo até agora?*

Um poema com estrutura de pergunta retórica que, em tom irônico e reflexivo, provoca o leitor. Pode ser interpretado como uma crítica social, como mencionado acima ou como um comentário metalinguístico, no qual o autor brinca com o fato de estar sendo lido.

A estrutura de pergunta retórica, em tom irônico e reflexivo, provoca o leitor a confrontar a contradição entre discurso e prática: se a vida é curta, por que desperdiçamos tanto tempo? Trata-se de um convite à reflexão sobre nossas escolhas cotidianas e da atual configuração social. O poema também pode ser interpretado como crítica social ou comentário metalinguístico — o autor brinca com o simples fato de estar sendo lido.

O tema também se manifesta em “*Verão*” (Quintana, 2008, p. 79), como neste trecho:

“A tarde é uma tartaruga com o casco pardacento de poeira, a arrastar-se interminavelmente. Os ponteiros estão esperando por ela. Eu só queria saber quem foi que disse que a vida é curta...”

A metáfora da tarde como uma tartaruga evoca a lentidão, a monotonia e o peso do tempo. O “casco pardacento de poeira” reforça a ideia de desgaste, enquanto “a arrastar-se interminavelmente” intensifica a sensação de que o tempo não passa. Alguns leitores, mais imediatistas, podem perceber a cena como sufocante; no entanto, para mim, os versos seguintes revelam um tom libertador:

“Os ponteiros estão esperando por ela.”

Aqui, Quintana inverte a lógica do tempo: não é a tarde que segue os ponteiros, mas os ponteiros que parecem depender do ritmo arrastado da tarde. O efeito é o de uma suspensão temporal, como se até o relógio fosse incapaz de acelerar a experiência. E não é justamente o tempo — ao lado do espaço — um luxo da vida moderna?

Por fim, no verso “*Eu só queria saber quem foi que disse que a vida é curta...*”, Quintana encerra com ironia e crítica. Depois de descrever uma tarde interminável, questiona o clichê da brevidade da vida.

O contraste entre a lentidão do momento e a pressa do mundo: talvez o tempo não seja, afinal, algo objetivo, mas uma experiência subjetiva, moldada por nossa sensibilidade.

A meu ver, a obra de Mário Quintana é, antes de tudo, um convite à contemplação — um resgate das sensações que, no turbilhão do cotidiano, correm o risco de serem esquecidas.



Fonte: Silfeb. **A Casa de Cultura Mario Quintana**. 2018. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Casa_de_Cultura_Mario_Quintana_-_Jardim_Lutsemberger.jpg

Referência

QUINTANA, Mario. **A vaca e o Hipogrifo**. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

A GAROTA QUE CONVERSAVA COM A PRÓPRIA TRISTEZA

RENATO PAULO SCHMIDT

Cadeira n.º 11 – Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Há momentos na vida em que a dor não chega gritando.

Ela chega em silêncio.

Senta-se ao lado da cama. Caminha pelos corredores da casa. Acompanha os dias na escola, observa as conversas na mesa do jantar e, pouco a pouco, passa a habitar os pensamentos como uma sombra discreta — quase invisível para quem olha de fora.

Assim começa a história de Elara Emberstorm.

Uma jovem aparentemente forte, inteligente, cheia de futuro. Aquela que cumpre expectativas, que tenta não decepcionar, que aprende cedo a esconder aquilo que sente para não preocupar ninguém. Mas há uma pergunta que começa a ecoar dentro dela:

E se a tristeza não fosse apenas um sentimento?

E se fosse um lugar?



Fonte: Silfeb. **A Casa de Cultura Mario Quintana**. 2018. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Casa_de_Cultura_Mario_Quintana_-_Jardim_Lutzemberger.jpg

Entre relações familiares marcadas por silêncios profundos, ausências emocionais e feridas que muitas vezes se confundem com cuidado, Elara descobre que crescer pode significar também confrontar verdades difíceis. Há dores que não deixam marcas visíveis, mas moldam a maneira como aprendemos a amar, confiar e existir no mundo.

E algumas dessas dores nascem dentro da própria casa.

É nesse território frágil entre o que se mostra e o que se esconde que a jornada de Elara se transforma em algo maior do que uma história de adolescência: torna-se uma travessia espiritual.

Ao longo desse caminho, ela encontra personagens que funcionam como espelhos de sua própria busca.

Kaius, um jovem envolto em mistério, cuja presença parece revelar que existem dimensões da realidade que nem sempre conseguimos explicar. Com ele, Elara aprende que algumas pessoas entram em nossa vida para nos lembrar de quem realmente somos – mesmo quando estamos perdidos.

Padre Michael, homem de fé serena e olhar atento, que compreende que algumas perguntas da alma não precisam de respostas imediatas, mas de escuta, silêncio e coragem para atravessar a noite interior.

E há também Café, uma gata negra de olhos atentos e presença enigmática, que acompanha Elara como se guardasse segredos antigos demais para caber em palavras.

Entre encontros inesperados, memórias dolorosas, reflexões profundas e espelhos que revelam mais do que mostram, Elara inicia uma jornada onde a dor deixa de ser apenas sofrimento e passa a se tornar linguagem.

Porque, às vezes, a tristeza não é apenas um peso.

Ela é um chamado.

Um chamado para compreender a própria história.

Para olhar de frente as feridas da infância.

Para atravessar as sombras da alma.

Para descobrir que a fé, muitas vezes, nasce exatamente no lugar onde tudo parecia perdido.

A Dor Invisível de Elara Emberstorm é um romance sobre aquilo que raramente é dito em voz alta: o sofrimento silencioso de muitos jovens, os conflitos dentro das famílias, os abusos que se escondem em relações aparentemente normais e a profunda busca espiritual que surge quando alguém decide não fugir mais de si mesmo.

Mais do que uma narrativa, este livro é um espelho.

E talvez, ao atravessar suas páginas, o leitor descubra algo inquietante: em algum momento da vida, todos nós já conversamos em silêncio com a própria tristeza.

A diferença é que poucos tiveram coragem de escutá-la.

Em breve, chegará aos leitores A Dor Invisível de Elara Emberstorm, de Renato Paulo Schmidt, pela Editora Flyve.



Há 50 anos mostrando que ser bom faz bem!

ENTREVISTA COM NYE RIBEIRO, MEMBRO HONORÁRIA DA ALI

JACIMARA MIRANDA

Cadeira n.º 02 - Patrona: Cora Coralina

[JM]. Apresentação da Entrevistada

A revista Vozes & Letras, em sua primeira edição, tem o prazer de apresentar a entrevista com a professora, escritora e jornalista Nye Ribeiro, membro honorária da ALI.

[JM]. Caríssima Acadêmica Nye Ribeiro, a revista Vozes e Letras, bem como toda a Academia de Letras de Indaiatuba, presta-lhe esta homenagem na forma de Entrevista, com o objetivo de compartilhar com seus leitores algo de sua trajetória profissional. Assim, gostaríamos de oferecer-lhe este espaço para que se apresente livremente.

[NR]. Nasci em Boa Esperança, Minas Gerais, e vivi minha infância em contato direto com a natureza – subindo morros, explorando trilhas, descobrindo cachoeiras. Até hoje, a natureza continua sendo minha maior fonte de inspiração.

Fui professora durante dezoito anos e, dentro da sala de aula, comecei a escrever e a contar histórias para crianças. Ali, descobri a magia que os livros despertam na infância – e também na criança que mora dentro de cada um de nós.

Mais tarde, formei-me em Jornalismo e trabalhei como repórter em revistas voltadas à educação, tendo o privilégio de entrevistar grandes nomes da área, como Paulo Freire, Rubem Alves e Yves de La Taille, entre outros. Atuei também como assessora de imprensa em grandes editoras, experiência que me permitiu conhecer de perto os bastidores do universo editorial.

Na juventude, iniciei uma jornada de autoconhecimento, explorando diferentes linhas terapêuticas. Fiz pós-graduação em Terapia Transpessoal, área com a qual me identifiquei profundamente por integrar a dimensão espiritual e os estados ampliados de consciência no processo de cura e crescimento interior. Posteriormente, deixei o Jornalismo para dedicar-me à Psicologia.

Foi então que conheci o Pathwork, metodologia de autoconhecimento e autotransformação que me encantou pela profundidade e clareza. Após muitos anos de estudo, tornei-me Helper e formei dois grupos de Pathwork – em Valinhos e Indaiatuba, cidade onde moro atualmente.

[JM]. Qual a importância da ALI no contexto de Indaiatuba e Região?

[NR]. Fazer parte da Academia de Letras de Indaiatuba é para mim uma grande honra!

É o coroamento de uma longa jornada como leitora, educadora e escritora, sempre com um livro na mão, escrevendo e contando histórias, mergulhada no mundo mágico das ideias e palavras.

Entrar para a Academia é abrir novas possibilidades de incentivo à leitura, especialmente na infância. Paulo Freire dizia: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

[JM]. Qual a importância da escrita e da literatura na sua vida em especial?

[NR]. Acredito que a leitura é a chave para a formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres, pessoas que venham somar, contribuir de fato para uma sociedade mais justa e inclusiva.

A leitura foi a minha primeira e mais fiel morada. Com ela descobri, ainda menina, um mundo inteiro a ser explorado.

A leitura me levou a ter curiosidade pelo outro, a buscar novos caminhos e novas respostas. A leitura me incentivou e me deu coragem para começar a escrever minhas histórias.

[JM]. No âmbito da escrita e da literatura conte-nos um pouco de sua trajetória e experiência.

[NR]. Desde os sete anos, tornei-me uma leitora assídua. Apaixonada pelos livros, logo ganhei o apelido de “ratinha de biblioteca”. Meu primeiro livro, *Transparência* (poesia), foi publicado em 1990, em coautoria com minha amiga Silma Ramos Coimbra. Desde então, dediquei-me sobretudo à literatura infantil, e hoje tenho 65 livros publicados.

[JM]. Caso tenha algo mais que queira compartilhar, fique à vontade, deixando um recado para nossos leitores.

[NR]. Como escritora de livros infantis, percebi que não há nada mais prazeroso do que ver o brilho nos olhos de uma criança que descobre o prazer da leitura.

Essa troca, essa cumplicidade entre quem escreve e quem lê, é que torna a vida mais prazerosa.

Obrigada por caminharem comigo. Sigamos lendo, sempre!

Gostaria de deixar registrado o meu site: nyeribeiro.com

Lá poderão conhecer melhor minhas obras e me conhecer também um pouco mais.



Fonte: Sérgio Marques. Nye Rbeiro autografando o livro “O guardador de ideias”. 2025.

IA NA APRENDIZAGEM

JANE SHIRLEY ESCODRO FERRETTI

Cadeira n.º 14 – Patrono: Rubem Alves

SUELI DE SÁ GIOVANI

Cadeira n.º 07 – Patrona: Nabor Pires Camargo

Tratar do uso da IA na Educação, em especial na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, especificamente crianças de 4 à 10 anos de idade, é um campo no qual transbordam as opiniões divergentes sobre a aprovação ou a reprovação do uso.

No entanto, é importante reconhecer primeiramente que a IA tem como função exercer seu papel de suporte e não de substituição do professor na sala de aula. Não podemos ignorar que a IA já se faz presente na vida de grande parte dos alunos, isto é, faz parte da realidade de muitas famílias.

O uso da IA no meio escolar configura-se como uma atualização no ensino aprendizagem. Dessa forma, cabe ao professor estimular a curiosidade e a aprendizagem da criança em relação ao mundo digital. Para tanto, isso só poderá ser considerado como um elemento de aprendizagem se o professor estiver de fato preparado para exercer seu papel de mediador do conhecimento referente aos recursos tecnológicos da IA, utilizando-os com intencionalidade pedagógica, seja para resolver um problema ou criar algo novo com os alunos.

A mediação do professor junto aos alunos no uso dos recursos tecnológicos da IA promove interação entre aluno e professor mediante a intencionalidade pedagógica, na medida em que identifica a seleção de atividades mais adequadas à cada faixa etária, busca a segurança da criança, observa-a e a incentiva no fazer e no pensar sobre a atividade, estimula a formulação de um pensamento questionador, ao invés de somente receber respostas prontas da IA.

Nesse sentido, é relevante que a criança também seja preparada para o mundo digital. O uso da IA no ambiente escolar deve ser entendido como um recurso de aprendizagem, que permite o questionamento ativo dos alunos, a investigação hipotética, sempre com o acompanhamento mediador do professor.

Conforme nos ensina Piaget (1987), a criança constrói seu conhecimento mediante a interação entre o sujeito e o objeto. Nesse sentido, quanto mais questionamentos forem feitos à criança diante das respostas da IA, mais ela poderá ampliar seu raciocínio, levantar hipóteses e testá-las. A tecnologia deverá ser um desafio para o aluno pensar, tendo o professor como mediador.

Ao professor cabe desafiar o aluno para o desenvolvimento do raciocínio lógico, a autonomia crescente, para ser o protagonista de suas ações sobre a ferramenta IA. O processo de letramento digital não se caracteriza apenas como alfabetização digital, mas sim, acima de tudo, deve capacitar o aluno para interagir com o mundo como um sujeito crítico e questionador frente às tecnologias digitais.

Para Lev Vygotsky (2003) o aprendizado da criança é um processo social que tem como apoio a linguagem e o afeto, que contribuem imensamente no processo do desenvolvimento socioemocional da criança. Assim, reconhecer e valorizar a mediação humana do professor junto ao aluno nas atividades com recursos de IA é fundamental, para que de fato a tecnologia seja utilizada como suporte pedagógico. Nada substitui a humanização nas relações.



Fonte: RPF. Crianças utilizando eletrônicos na escola. Imagem criada pelo Gemini Google. 2026.

Entretanto, cabe ressaltar que ao lidar com recursos tecnológicos na escola e em especial a IA, a criança fica exposta aos riscos mais comuns, tais como: dificuldade de raciocínio, lentidão ou atrofia mental e dependência emocional por respostas imediatas etc. Cabe à escola promover a aprendizagem digital com a clareza, desde cedo, de que a IA é uma ferramenta criada como recursos e está sujeita a erros, daí a importância dos questionamentos e busca da veracidade.

A integração do professor como mediador nos processos tecnológicos com a IA deve se destinar ao trabalho pedagógico para expansão das capacidades humanas. A escola tem como dever promover a mediação do professor com qualidade, boa formação e compromisso de formar o aluno como sujeito ativo de seu conhecimento e protagonista de sua própria história, reconhecendo a máquina como uma ferramenta e a IA como um suporte ao letramento digital.

Referências

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
VYGOTSKY, Lev S., **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Fontes, 2003.



(19) 99268-4052

PROFESSOR PARTICULAR À DOMICÍLIO

Reforço Escolar e Revisão para o Vestibular

Geografia · História · Filosofia · Sociologia

HOMENAGEM AO BRASILEIRO ALFREDO LE PERA, O POETA DE GARDEL



Fonte: **Gardel e Le Pera**. 1935. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gardel_y_le_pera.jpg

No sábado, 07 de fevereiro, o Prof. Dr. Rubens Pantano Filho, acadêmico da ALI, e a Prof.^a Dr.^a Maria Ângela Lourençoni, apresentaram a palestra intitulada **“Tango: de Gardel e Le Pera a Piazzolla”**. A palestra ocorreu no Centro de Convenções Aydil Bonachella, espaço da Secretaria de Cultura de Indaiatuba. O destaque da palestra foi o poeta brasileiro Alfredo Le Pera, parceiro de Carlos Gardel, por conta da comemoração do 125º aniversário de seu nascimento. Le Pera foi o autor das letras dos mais famosos tangos da dupla: *Cuesta abajo*, *El día que me quieras*, *Golondrinas*, *Mi Buenos Aires querido*, *Por una cabeza*, *Suerte negra*, *Volver*, entre outros.

Na oportunidade, os palestrantes também promoveram o lançamento do livro coordenado por eles: **“Enseñanza y Aprendizaje del Tango”**, uma coletânea de artigos de autoria de professores e bailarinos de tango, argentinos e brasileiros. O livro contém 13 capítulos, alguns escritos por brasileiros e outros por argentinos. Foi uma noite muito especial, uma vez que a ALI ofereceu mais uma atividade cultural para nossa cidade. Além dos presentes de Indaiatuba, também estiveram alguns visitantes de Campinas, Valinhos, Salto e Itu.



CLUBE DE LEITURA DA ALI

O Clube de Leitura da ALI é um espaço de encontro para quem quer ler com mais profundidade – e com mais companhia. A cada edição, a Academia de Letras de Indaiatuba (ALI) propõe uma obra e convida o público para uma conversa guiada, leve e aberta, em que diferentes interpretações viram combustível para novas ideias (e, às vezes, para aquela vontade perigosa de comprar mais livros do que a estante aguenta).

Mais do que “analisar” o texto, o clube busca compartilhar experiências de leitura: temas, personagens, linguagem, contexto, trechos marcantes e as perguntas que o livro deixa ecoando depois da última página. É um encontro acolhedor para leitores iniciantes e experientes, com o objetivo de estimular o hábito da leitura, ampliar repertórios e fortalecer laços culturais na cidade. A cada encontro, a literatura vira conversa – e a conversa vira comunidade.

No final de 2025, o Clube de Leitura foi inaugurado com a discussão do livro “A Mesa Voadora”, de Luís Fernando Veríssimo. Neste ano de 2026, já foram realizados dois encontros, nos quais foram contempladas as seguintes obras: “Assassinatos na Academia Brasileira de Letras”, de Jô Soares e “Na Minha Pele”, de Lázaro Ramos.

Também em 2026 foi iniciado o Clube de Leitura da ALI aberto ao público em geral, que acompanhará a mesma programação de livros, mas com encontros on line. As inscrições aos interessados em participar da próxima discussão ocorrem no site da Academia de Letras de Indaiatuba – ali.org.br.



ACADÊMICO DA ALI É PREMIADO

11º SALÃO DE ARTES VISUAIS

(IN MEMORIAM)

A Prefeitura de Indaiatuba, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, realizou na noite de 01 de dezembro de 2025 a premiação do 11º Salão de Artes Visuais de Indaiatuba, no Casarão Cultural Pau Preto. O evento reuniu artistas, convidados e representantes do setor cultural para celebrar a diversidade e a força da produção artística local e regional.

A comissão avaliadora, convidada pela Secretaria de Cultura, destacou a qualidade técnica das obras inscritas e reforçou a relevância do Salão para o fortalecimento da cena cultural. Segundo os jurados, a edição apresentou grande diversidade estética, com atenção especial ao conjunto de trabalhos em fotografia, que se sobressaiu pela riqueza de soluções visuais e narrativas.

O 11º Salão de Artes Visuais contemplou cinco categorias, que valorizam a pluralidade artística: Desenho, Escultura, Fotografia, Gravura e Pintura, além de Menções Honrosas concedidas aos artistas de destaque.

Na categoria Fotografia foi premiado em 1º Lugar o acadêmico da ALI José Airton Parra Sobreira, titular da Cadeira n.º 12 – Patrono: Guimarães Rosa, com as seguintes obras:



Imensidão



Milagres – Alagoas



Litoral Norte - SP

ACADEMIA DE LETRAS DE INDAIATUBA

Membros Efetivos

José Henriques Martins
Cadeira n.º 01 – Patrono: Machado de Assis

Jacimara Martins Siqueira de Miranda
Cadeira n.º 02 – Patrona: Cora Coralina

Analma Queiroz Moura
Cadeira n.º 03 – Patrona: Carolina Maria de Jesus

Adriana Silva Barbosa
Cadeira n.º 04 – Patrona: Maria Firmina dos Reis

Marcelo Castro Bomfim
Cadeira n.º 05 – Patrono: Castro Alves

Maria José Amgarten Rodolfo Gonella
Cadeira n.º 06 – Patrona: Sylvia T. de C. Sanazzaro

Sueli de Sá Giovani
Cadeira n.º 07 – Patrono: Nabor Pires Camargo

Darcio Calligaris
Cadeira n.º 08 – Patrono: Augusto dos Anjos

Cintia Henriques
Cadeira n.º 09 – Patrona: Clarice Lispector

Mariane Gomes Sievert Naschenweng
Cadeira n.º 10 – Patrona: Antonieta de Barros

Renato Paulo Schmidt
Cadeira n.º 11 – Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Airton Sobreira
Cadeira n.º 12 – Patrono: Guimarães Rosa

Lilian de Lourdes Oliveira Henriques
Cadeira n.º 13 – Patrono: Ariano Suassuna

Jane Shirley Escodro Ferretti
Cadeira n.º 14 – Patrono: Rubem Alves

Jonas Peres Loureiro
Cadeira n.º 15 – Patrono: Farias Brito

Silvane Leite Poltronieri
Cadeira n.º 16 – Patrona: Hilda Hilst

Maria Rosângela da Silva
Cadeira n.º 17 – Patrona: Cecília Meireles

Alberto Martins
Cadeira n.º 18 – Patrono: Pablo Neruda

Alexandre Cardoso
Cadeira n.º 19 – Patrono: José de Alencar

Álvaro Roberto Rezende Junior
Cadeira n.º 20 – Patrono: Darcy Ribeiro

Carlos Olímpio Pires da Cunha
Cadeira n.º 21 – Patrono: Ulysses Guimarães

Élton Meireles de Moura
Cadeira n.º 22 – Patrono: Paulo Freire

Fernando Mota Dias
Cadeira n.º 23 – Patrono: Dias Gomes

Flávia Girardi
Cadeira n.º 24 – Patrono: Érico Veríssimo

Guilherme Vinícius Menezes Silva
Cadeira n.º 25 – Patrono: Jean Paul-Sartre

Jairo E. C. da Silva
Cadeira n.º 26 – Patrono: Dr. Adolfo Cavalcanti Bezerra de Menezes

João Marques da Fonseca Neto
Cadeira n.º 27 – Patrono: Monteiro Lobato

José Onério da Silva
Cadeira n.º 28 – Patrono: Francisco Cândido Xavier

José Pires da Cunha
Cadeira n.º 29 – Patrono: João Tibiriçá de Piratininga

Marta Ribeiro da Silva
Cadeira n.º 30 – Patrono: Fernando Pessoa

Rubens Pantano Filho
Cadeira n.º 31 – Patrono: Mário Quintana

Membros Correspondentes

Djalma Faria
Fernanda Misumi
Glauco Humai
Marcos Vieira
Renato Aparecido Ferreira Benedetti

Membros Honorários

Antônio da Cunha Penna
Deize Clotildes Barnabé de Moraes
Henrique Augusto Steve
José R. Guedes de Oliveira
Nye Ribeiro Silva
Luiz Alberto Pereira
Sérgio José Teixeira

REVISTA

Vozes & Letras

